



**CIDADE DE
SÃO PAULO**
**DESENVOLVIMENTO
ECONÔMICO
E TRABALHO**

CLIPPING
06 de janeiro 2020

GRUPO DE COMUNICAÇÃO E MARKETING

SUMÁRIO

CITADAS	3
São Paulo tem 4.500 ofertas de emprego	3
Busca por qualificação cresce 143%	6
Centros de seleção de SP oferecem 4.800 vagas em janeiro. Confira!	7
VALOR ECONÔMICO	8
Déficit público cai e deve terminar 2020 mais perto da média dos emergentes.....	8
Analistas veem impacto reduzido sobre economia brasileira.....	10
Interação entre universidade e empresa no país é subestimada	12
Advogadas investem em bancas formadas apenas por mulheres	14
FOLHA DE S. PAULO	16
Painel	16
Coluna Mônica Bergamo	18
Nascida na periferia de SP vira secretária estratégica de Doria	20
Racismo gera diferença salarial de 31% entre negros e brancos, diz pesquisa.....	24
Governo agiliza digitalização, mas cria brecha para redução de privacidade	26
ESTADÃO	29
Coluna Estadão	29
Coluna Direto da Fonte - Sônia Racy.....	31
Veja como atualizar o eSocial com o novo valor do salário mínimo	34
'Economia global não deve frear crescimento do PIB brasileiro', diz executivo	35
O poder de se colocar no lugar do outro e ter empatia	36
Desemprego dos pais empurra filhos mais cedo para o mercado de trabalho.....	37
VEÍCULOS DIVERSOS	39
Réveillon na Paulista 2020 movimentou mais de R\$ 648 milhões na economia da capital	39
5 startups lideradas por mulheres que você precisa conhecer	41
Veja as 10 startups brasileiras que marcaram 2019	42
MEI tem programa de empréstimo de até 20 mil reais sem cobrança de juros.....	44

CITADAS

Data: 06/01/2020

Veículo: Agora São Paulo

São Paulo tem 4.500 ofertas de emprego

São Paulo tem 4.500 ofertas de emprego

Na capital, há 2.460 oportunidades de trabalho; nas demais regiões do estado de SP, são 2.040

LAÍSSA BARROS

■ Quem busca reatuação no mercado ou, até mesmo, o primeiro emprego, encontra 4.500 oportunidades oferecidas pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico da Prefeitura de SP e pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico do Estado.

Na capital paulista, o CATE (Centro de Apoio ao Trabalho e Empreendedorismo) oferece 2.460 vagas.

Quem não possui experiência na área, mas tem o ensino médio completo, pode se candidatar a um dos 61 postos para operador de telemarketing ativo. O salário é R\$ 1.036.

Motoristas de furgão ou veículo similar com experiência de seis meses comprovada na área podem concorrer a uma das 35 vagas disponíveis.

A remuneração mensal oferecida é de R\$ 2.057.

Estoquistas com experiência de seis meses comprovada na área e ensino

médio completo podem concorrer a uma das dez oportunidades, cujo salário oferecido é de R\$ 1.500.

Para se inscrever para essas e outras vagas oferecidas pelo CATE, da prefeitura, é preciso levar RG, CPF, PIS e carteira de trabalho a uma das unidades de atendimento na cidade.

Estado

O PAT (Posto de Atendimento ao Trabalhador), programa do governo do estado de São Paulo para a promoção do emprego, reúne 2.040 chances.



PARA QUEM NÃO TEM ENSINO MÉDIO

■ Quem não tem o ensino médio completo, mas já trabalhou e tem experiência de seis meses em algumas áreas, pode se candidatar para posições do CATE (Centro de Apoio ao Trabalho e Empreendedorismo) como servente de obras com salário de R\$ 1.908, atendente com remuneração de R\$ 2.057, motorista com salário mensal de R\$ 1.578 e auxiliar de limpeza com renda mensal de R\$ 1.342. Ao todo, o órgão municipal reúne mais de 200 vagas para trabalhadores com esse perfil profissional. (L)

VAGAS | DESTAQUES DA SEMANA

SECRETARIA MUNICIPAL DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

Motorista de furgão

35 vagas

■ Salário: R\$ 2.057

■ Exigência: experiência comprovada

Estoquista

10 vagas

■ Salário: R\$ 1.500

■ Exigências: ensino médio completo e experiência comprovada

PAT (POSTO DE ATENDIMENTO AO TRABALHADOR)

Carpinteiro em Santana de Parnaíba

10 vagas

Despachante em Itapevi

35 vagas



COMO CONCORRER

- Basta procurar uma unidade do CATE com RG, CPF, PIS e carteira de trabalho
- Os endereços estão no site www.prefeitura.sp.gov.br/trabalho

Fonte: SIMT (Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico) e Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico



A quantidade de vagas pode variar conforme a procura

COMO CONCORRER

- Pela internet, é possível se inscrever em www.empregosospaulo.sp.gov.br
- É necessário levar RG, CPF, PIS e carteira de trabalho

[Voltar ao Sumário](#)

CITADAS

Quem busca recolocação no mercado ou, até mesmo, o primeiro emprego, encontra 4.500 oportunidades oferecidas pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico da Prefeitura de SP e pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico do Estado.

Na capital paulista, o CATe (Centro de Apoio ao Trabalho e Empreendedorismo) oferece 2.460 vagas.

Quem não possui experiência na área, mas tem o ensino médio completo, pode se candidatar a um dos 61 postos para operador de telemarketing ativo. O salário é R\$1.036.

Motoristas de furgão ou veículo similar com experiência de seis meses comprovada na área podem concorrer a uma das 35 vagas disponíveis.

A remuneração mensal oferecida é de R\$ 2.057.

Estoquistas com experiência de seis meses comprovada na área e ensino médio completo podem concorrer a uma das dez oportunidades, cujo salário oferecido é de R\$ 1.500.

Para se inscrever para essas e outras vagas oferecidas pelo CATe, da prefeitura, é preciso levar RG, CPF, PIS e carteira de trabalho a uma das unidades de atendimento na cidade.

O PAT (Posto de Atendimento ao Trabalhador), programa do governo do estado de São Paulo para a promoção do emprego, reúne 2.040 chances.

Em Santana de Parnaíba (Grande SP), são 30 vagas para servente de obras e dez para carpinteiros.

Em Itapevi (Grande SP), há 35 postos para despachantes e 3 para motoristas. As exigências e os salários não foram divulgados.

Para se inscrever para qualquer uma dessas oportunidades, o trabalhador deve se cadastrar no site do Emprega São Paulo ou ir pessoalmente a uma unidade do PAT (Posto de

Atendimento ao Trabalhador) com seus documentos pessoais em mãos.

PARA QUEM NÃO TEM ENSINO MÉDIO

■ Quem não tem o ensino médio completo, mas já trabalhou e tem experiência de seis meses em algumas áreas, pode se candidatar para posições do CATe (Centro de Apoio ao Trabalho e Empreendedorismo) como: servente de obras com salário de R\$ 1.908, atendente com remuneração de R\$ 2.057, motorista com salário mensal de R\$ 1.578 e auxiliar de limpeza com renda mensal de R\$1.342.

Ao todo, o órgão municipal reúne mais de 200 vagas para trabalhadores com esse perfil profissional.

VAGAS DESTAQUES DA SEMANA

SECRETARIA MUNICIPAL DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

Motorista de furgão

PAT(POSTO DE ATENDIMENTO AO TRABALHADOR)

Carpinteiro em Santana de Parnaíba

10 vagas

Despachante em Itapevi

35 vagas

O A quantidade de vagas pode variar conforme a procura

35 vagas

■ Salário: R\$ 2.057

■ Exigência: experiência comprovada

Estoquista

10 vagas

■ Salário: R\$1.500

■ Exigências: ensino médio completo e experiência comprovada

Como concorrer

■ Basta procurar uma unidade do CATe com RG, CPF, PIS e carteira de trabalho

■ Os endereços estão no site www.prefeitura.sp.gov.br/trabalho

■ Pela internet, é possível se inscrever em www.empregasaopaulo.sp.gov.br

CITADAS

- É necessário levar RG, CPF, PIS e carteira de trabalho

Fontes: SMDE (Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e Trabalho e Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico

<https://visualizacao.boxnet.com.br/#/?t=00812955D0A5FF01A9915D2EEB9B0BF502000009D04BD5C240FBD9F4C9B98591F3D0DD6A7B4FAF4442718AB61822C4324B9E2221CBB9A9ACF2D79EE79B56E821C9C6CBC9D9FB04AF945A5BEDD0C4901FFDCA786EE20804FECDF6B7C2DB9629B0BBD4CC67>

[Voltar ao Sumário](#)

CITADAS

Data: 06/01/2019

Veículo: Agora São Paulo

Busca por qualificação cresce 143%

Busca por qualificação cresce 143%

■ Os atendimentos da **Prefeitura** de SP, por meio da Ade Sampa (agência de desenvolvimento) para qualificação de pequenos empreendedores na cidade aumentaram 143% entre 2018 e 2019, chegando a 43 mil. (cc)

Os atendimentos da Prefeitura de SP, por meio da Ade Sampa (agência de desenvolvimento) para qualificação de pequenos empreendedores na cidade aumentaram 143% entre 2018 e 2019, chegando a 43 mil.

<https://visualizacao.boxnet.com.br/#/?t=00812955D0A5FF01A9915D2EEB9B0BF5020000028DF79B11263713234F14C9DB9A0AC093FD8B0CB7CC7F080E3CE4FC6BDF92F9296B9FFA1BEC5BBF08046264BD7C30154085D9E91D93598ED1E18E2A9CDE3D5265E3F15D5F5289CAF50B2A3181BFA620E>

[Voltar ao Sumário](#)

CITADAS

Data: 04/01/2019

Veículo: Portal R7.com

Centros de seleção de SP oferecem 4.800 vagas em janeiro. Confira!

O ano de 2020 começa positivo para aqueles que estão à procura de emprego. Os Cates (Centros de Apoio ao Trabalhador e Empreendedorismo) e os PATs (Postos de Atendimento ao Trabalhador) estão oferecendo mais de 4.800 oportunidades de trabalho no estado de São Paulo.

Para aqueles que se cadastrarem no site do PAT, são mais de 2.000 vagas com salários até R\$ 7.273. As 10 áreas com mais chances são: alimentador de linha de produção (até R\$ 3.117); atendente de lojas e mercados (até R\$ 2.078); vendedor em domicilio (até R\$ 2.078); cozinheiro geral (até R\$ 3.117); faxineiro (até R\$ 3.117); auxiliar nos serviços de alimentação (até R\$ 3.117); motorista de caminhão (até R\$ 3.117);.

Para conseguir se candidatar, o cidadão interessado pode se cadastrar pessoalmente na unidade do PAT ou Poupatempo que tenha serviços de atendimento ao trabalhador em seu município. Para o cadastro é necessária a apresentação de documentos originais (RG, CPF e Carteira de Trabalho).

Recomenda-se levar a carteira de trabalho física, mas a versão virtual também é aceita.

Outra forma de cadastro é por meio do portal, que tem um passo a passo de como realizar o cadastro online. Confira aqui todas as vagas disponíveis e as respectivas remunerações.

Já nos Cates, as cinco áreas com mais oportunidades são: auxiliar de limpeza (até R\$ 1.342), operador de telemarketing (R\$ 1.036), motorista (até R\$ 2.057), atendente (até R\$ 1.500) e servente de obra (até R\$ 1.908). O centro (209) e a zona sul (149) são as regiões com mais vagas.

<https://noticias.r7.com/sao-paulo/centros-de-selecao-de-sp-oferecem-4800-vagas-em-janeiro-confira-04012020>

[Voltar ao Sumário](#)

Data: 06/01/2020

Déficit público cai e deve terminar 2020 mais perto da média dos emergentes

O déficit nominal deve ficar abaixo de 6% do Produto Interno Bruto (PIB) em 2020, o menor nível para o resultado das contas públicas incluindo gastos com juros desde 2013. Com a queda expressiva da Selic, as despesas financeiras do setor público têm diminuído, levando o rombo nominal para mais perto da média dos países emergentes - no ano que vem, a média do déficit desse grupo de economias deve ficar em 5% do PIB, de acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI). Para 2020, Bradesco e Santander projetam um rombo nominal para o Brasil de 5,6% do PIB em 2020, enquanto o Credit Suisse prevê 5,5% do PIB.

Em 2015, o buraco chegou a 10,2% do PIB, um dos sinais da gravidade da crise das contas públicas que se acentuou a partir de 2014. O déficit nominal é o que define a dinâmica da dívida pública, como lembra o economista-chefe do Bradesco, Fernando Honorato. Depois de fechar 2013 em 51,5% do PIB, o endividamento bruto passou a avançar com força, atingindo 77,7% do PIB em novembro de 2019, muito acima da média dos emergentes, de pouco menos de 54% do PIB, segundo estimativas do Fundo Monetário Internacional (FMI).

O déficit nominal combina os gastos com juros e o resultado primário, que mostra a diferença entre as receitas e despesas não financeiras. A queda esperada para o ano que vem se dará pela redução dos dispêndios com juros, como diz o economista Rodolfo Margato, do Santander. O banco espera que a Selic, hoje em 4,5% ao ano, termine 2020 em 4%. O custo efetivo da dívida bruta, medido pela chamada taxa implícita, tem caído nos últimos anos. Ficou um pouco acima de 13% em 2015 e 2016, caiu para 9,9% em 2017, 8,6% em 2018 e 7,6% nos 12 meses encerrados em

novembro do ano passado. A tendência é cair mais em 2020.

Nas contas do Santander, os gastos com juros ficarão em 5% do PIB em 2019, recuando para 4,2% do PIB em 2020. Já a projeção para o resultado primário é de um déficit de 1,4% do PIB neste ano, um rombo superior ao 1% do PIB do ano passado, que contou com um volume considerável de receitas extraordinárias, como as provenientes do leilão dos campos de petróleo da cessão onerosa da Petrobras.

Existe a possibilidade, porém, de um resultado primário melhor do que esse, diz Margato. "Há um viés de que o déficit pode ser menor", afirma ele. O economista observa que, nessas estimativas, não estão incluídas receitas que poderão ser obtidas com a eventual relicitação dos campos de petróleo de Sépia e Atapu - os dois não foram vendidos no leilão da cessão onerosa em novembro. Com um resultado primário melhor, o déficit nominal neste ano ficaria abaixo do projetado atualmente.

Para Honorato, a perspectiva de que o país tenha uma política econômica mais organizada, com um ajuste estrutural das contas públicas, poderá levar os analistas a dar mais atenção ao resultado nominal - hoje, o foco é maior no resultado primário. Com a adoção de medidas adicionais para assegurar o cumprimento do teto de gastos, o mecanismo que limita o crescimento das despesas não financeiras da União, os juros poderão ficar mais baixos de modo duradouro.

Nesse quadro, e num cenário em que também haja autonomia para o Banco Central (BC) conduzir a política monetária, o resultado fiscal que inclui os gastos com juros ganha relevância, na visão de Honorato. Para o economista do Bradesco, a Selic cairá mais 0,25 ponto percentual na primeira reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), para

Data: 06/01/2020

4,25% ao ano, nível em que deve terminar 2020.

Com a permanência dos juros em patamares mais baixos e resultados primários melhores, o déficit nominal tende a encolher mais. Nas projeções do Credit Suisse, o rombo deve ficar em 5,5% do PIB neste ano e em 4,7% do PIB no ano que vem. Nessas estimativas, o banco espera que os gastos com juros fiquem 4,2% do PIB em 2020 e em 4% do PIB em 2021. Ao mesmo tempo, o déficit primário cairia de 1,3% do PIB neste ano para 0,7% do PIB no ano que vem.

<https://valor.globo.com/brasil/noticia/2020/01/06/deficit-publico-cai-e-deve-terminar-2020-mais-perto-da-media-dos-emergentes.ghtml>

[Voltar ao Sumário](#)

Data: 06/01/2020

Analistas veem impacto reduzido sobre economia brasileira

O aumento da tensão entre Estados Unidos e Irã deve ter impacto reduzido para a economia brasileira em 2020, avaliam especialistas. Segundo eles, numa situação extrema, um conflito militar entre os dois países poderia levar a uma escalada dos preços do petróleo e valorização adicional do dólar, com impacto sobre a inflação brasileira e a condução da política monetária pelo Banco Central (BC). No entanto, esse cenário é considerado pouco provável, pelo menos por enquanto.

Para a consultoria de risco político Eurasia, o conflito entre Washington e Teerã deve elevar moderadamente os preços do petróleo no mundo, para faixa entre US\$ 65 e US\$ 75 por barril, provocando efeito também moderado sobre os preços dos combustíveis no Brasil. Assim, o temor de uma nova greve dos caminhoneiros deve voltar ao radar, mas o risco deve ser confortavelmente manejado pelo governo. Na sexta-feira, o petróleo Brent fechou a US\$ 68,60 o barril e o WTI, a US\$ 63. No fim de 2019, o Brent terminou cotado a US\$ 66 e o WTI, a US\$ 61.

“Um conflito militar mais amplo, num cenário mais extremo, tem potencial para levar o preço do petróleo acima dos US\$ 100 por barril, impactando economias mais vulneráveis e podendo ser um gatilho para uma recessão nos Estados Unidos”, afirma Christopher Garman, diretor-executivo para as Américas da Eurasia. “Mas essa sequência de eventos é improvável.”

Para o Brasil, a principal preocupação no curto prazo são as repercussões de um aumento do petróleo sobre os combustíveis, diz o analista. “Politicamente é um tema sensível para o governo Bolsonaro, porque uma alta do petróleo leva à difícil decisão sobre se esse preço é repassado para o consumidor ou não”, afirma. “Dada a greve dos caminhoneiros e os

danos que ela acarretou ao governo anterior, é uma preocupação para o Planalto.”

No médio prazo, a principal preocupação seria um possível desaquecimento do comércio global, em decorrência do conflito. “Novamente, é improvável que isso aconteça, mas poderia minar uma recuperação doméstica no Brasil, exatamente quando a economia começa a dar sinais claros de retomada”, diz Garman. Ele pondera, porém, que, como a economia brasileira é relativamente fechada, a repercussão sobre o crescimento seria menor do que em países mais abertos.

Para a Eurasia, a escalada do conflito entre EUA e Irã não muda, por ora, a perspectiva de um 2020 mais benigno para o Brasil no front externo. “Difícilmente vamos ter um conflito armado ao ponto de gerar um preço do barril acima de US\$ 100”, diz Garman, avaliando que Teerã tem consciência da assimetria do poder bélico entre EUA e Irã. Além disso, ele diz que Trump já deixou claro que pretende evitar um combate com tropas em solo na região, embora o risco de um conflito mais amplo esteja hoje na mesa e deva ser monitorado.

“O preço do barril de petróleo deve variar entre US\$ 65 e US\$ 75 por barril, o que para o Brasil resultaria em um aumento dos preços de combustíveis não muito forte”, afirma ele. “Mesmo que isso gere preocupação de greve de caminhoneiros, é algo contornável, dado o fato de que boa parte da categoria é simpatizante do presidente, que tem capacidade de manejar o risco de greve.”

Para Sérgio Vale, economista-chefe da MB Associados, a crise entre Estados Unidos e Irã, após ataque americano que matou o general Qassem Soleimani, não muda por ora as perspectivas para a inflação no Brasil, mas deve aumentar a cautela do Banco Central na condução da política monetária.

Data: 06/01/2020

Na visão do economista, num cenário extremo, o conflito poderia levar a uma escalada nos preços do petróleo, com impacto sobre os combustíveis no Brasil, e a uma apreciação adicional do dólar que poderia levar a inflação mais próximo da meta de 4%. Por outro lado, uma desaceleração da economia global reduziria exportações brasileiras e investimentos no país, afetando o crescimento da atividade, o que teria impacto desinflacionário.

Assim, diante dos possíveis efeitos conflitantes para a inflação, o BC deve aguardar o desenlace da crise. A MB Associados espera que a Selic se mantenha estável em 4,5% durante todo o ano de 2020 e que o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) encerre o ano em alta de 3,7%.

Para Vale, o maior risco do conflito para a economia mundial seria uma disparada dos preços do petróleo por uma eventual decisão da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep) ou por uma guerra na região. "Quem seria mais penalizada seria a China, uma grande importadora de petróleo."

Esse cenário, considerado pouco provável pelo economista, poderia ampliar a desaceleração esperada para a economia mundial em 2020. Por enquanto, porém, Vale acredita que o impacto do conflito sobre o crescimento brasileiro este ano será pequeno.

"Se houver uma guerra e o preço do petróleo disparar, há uma pressão forte de combustíveis, o que afeta o IPCA e você vai ter, no limite, um Banco Central mais preocupado com taxa de juros", diz Vale. "Mas precisaria ter uma crise muito mais severa e grave para haver impacto concreto por aqui."

Para o analista, pior do que o impacto econômico, pode ser o efeito do conflito para a imagem do Brasil. "Como vimos ao longo de 2019, o alinhamento automático que Bolsonaro tem tido com Trump pode ser mais

uma pá de cal na imagem brasileira lá fora, de um país que tinha um viés mais neutro e está cada vez mais cegamente aderindo ao lado americano", afirma, lembrando que o Oriente Médio é importante consumidor de produtos do agronegócio brasileiro, o que exigirá cautela nessa decisão.

José Pio Borges, presidente do Centro Brasileiro de Relações Internacionais (Cebri), também teme que uma posição diplomática brasileira antagônica ao Irã e ao Oriente Médio possa afetar os negócios do Brasil com o país e a região. Por outro lado, avalia o analista, o conflito entre americanos e iranianos pode reduzir o foco na guerra comercial entre China e EUA, o que seria positivo para o Brasil, já que hoje essa é a principal ameaça para o crescimento mundial.

Para Borges, uma disparada dos preços do petróleo no mundo deverá ser evitada devido à possibilidade de os Estados Unidos aumentarem sua produção de petróleo e gás de xisto, como forma de compensar eventuais reduções de produção no Oriente Médio. Assim, o presidente do Cebri acredita que a piora do ambiente externo não ameaça a recuperação da economia brasileira em 2020. "Hoje a recuperação da nossa economia depende muito mais de nós mesmos do que de fatores externos."

Para Vale, o conflito logo nos primeiros dias do ano dá o tom do que deve ser 2020 para o Brasil. "É uma economia que está começando a retomar, vai ter crescimento mais forte esse ano, já passou a reforma da Previdência e tem a PEC Emergencial que deve avançar neste semestre", afirma. "Para o Brasil, em 2020, o risco parece vir mais de fora do que de dentro."

<https://valor.globo.com/brasil/noticia/2020/01/06/analistas-veem-impacto-reduzido-sobre-economia-brasileira.ghtml>

[Voltar ao Sumário](#)

Data: 06/01/2020

Interação entre universidade e empresa no país é subestimada

A interação entre universidades públicas e empresas é subestimada no Brasil. Estudo do físico e diretor científico da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), Carlos Henrique Brito Cruz, mostra que o número de artigos científicos realizados em coautoria por pesquisadores da academia e da indústria cresceu a uma taxa média de 14% ao ano entre 1980 e 2018, passando de pouco mais de uma dezena para mais de 1,5 mil ao final do período.

Os números, inéditos no país e que integram levantamento do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), contrariam a tese de ineficiência das universidades brasileiras, adotada por membros do governo Bolsonaro.

De acordo com Brito Cruz, não existem indicadores confiáveis sobre a interação entre academia e empresas no país, o que abre espaço para juízos equivocados. "Ainda é comum ouvirmos as pessoas falarem que é muito complicado fazer os contratos de colaboração ou que a universidade não quer interagir. Isso não é mais assim. Há desconhecimento por parte do governo, mas também dentro da própria academia, influenciado por impressões pessoais que vêm dos anos 1970."

Na visão do pesquisador, mais grave que os ataques e a frequente deferência a países como EUA, China e Coreia do Sul sem base de comparação local, é a formulação de políticas de fomento no escuro. "A raiz do problema está no fato de que as decisões no Brasil não se fundamentam em um diagnóstico preciso da situação. Não há indicadores que ajudem a fundamentar as políticas", diz.

Por isso, Cruz, que também foi reitor da Unicamp entre 2002 e 2005, criou um algoritmo para refinar buscas na plataforma Web of Science, que reúne informações

extraídas de bancos de dados sobre artigos acadêmicos do mundo inteiro. Mantida pela empresa americana Clarivate Analytics, o hub científico já permite mensurar a interação entre a academia e um grupo limitado de companhias dos EUA, o que compromete dados relacionados ao Brasil. O pesquisador criou então filtros adicionais capazes de identificar empresas brasileiras e estrangeiras por meio de termos comuns a nomenclatura dos negócios, como a terminação "Ltda" (limitada).

A despeito do crescimento na produção conjunta de conhecimento por empresas e universidades, chama a atenção a concentração: nos últimos dez anos pesquisados (2009-2018), 72% do total de artigos escritos nesses termos pertencem a dez universidades.

Isolada à frente está a Universidade de São Paulo (USP), com 2,7 mil artigos em coautoria no período, mais que o dobro da segunda instituição que mais interagiu com empresas, a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com 1,1 mil artigos. A lista ainda traz as universidades estaduais de Campinas (Unicamp) e Paulista (Unesp), além das federais de São Paulo, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Paraná, Viçosa (MG) e Santa Catarina.

"Fica clara a necessidade de criar condições para expandir essa interação em outras universidades. Há um potencial enorme a se explorar", afirma Cruz.

Segundo o pesquisador, isso pressupõe mais investimento público não só para a elevação da qualidade da pesquisa na maioria das universidades do país, mas também especificamente para a promoção da relação com o setor produtivo e outras universidades. "Isso passa por estabelecer parcerias, ser vista no mundo, frequentar conferências internacionais na presença de outros centros e empresas."

Data: 06/01/2020

Do lado das empresas, a Petrobras se destaca. Entre 2015 e 2017, a petroleira surge associada a pelo menos um autor em 543 trabalhos acadêmicos ou 13% do total analisado. Também se destacam os laboratórios farmacêuticos, como Novartis (em segundo lugar com 77 artigos), Pfizer, GSK e AstraZeneca. Furam essa hegemonia empresas como Vale, IBM e Embraer.

A forte presença da indústria farmacêutica também foi capturada na compilação por campo científico. Entre 1985 e 1987, as ciências da saúde responderam por cerca de 12% dos artigos produzidos em coautoria com a indústria, participação que subiu para 29% no triênio 2015-2017. Em movimento contrário, a participação das ciências exatas e da terra, por exemplo, caiu de 50% para 22% em 30 anos.

O levantamento também buscou identificar a proporção do investimento feito por empresas nas universidades. Por falta de mais informações seriadas, Cruz comparou as universidades paulistas que publicam o dado com o conjunto de escolas americanas, que possuem dados compilados desde 1953. Nos dois universos, é relativamente pequena a proporção de investimento privado no total aplicado em pesquisa: nos Estados Unidos, em 2018, essa parcela foi de apenas 6%, em linha com USP (5,1%), Unicamp (6,3%) e Unesp (5,7%), cujos últimos dados confiáveis são de 2015. Naquele ano, a média americana fora 5,8% do orçamento vindo de empresas.

<https://valor.globo.com/brasil/noticia/2020/01/06/interacao-entre-universidade-e-empresa-no-pais-e-subestimada.ghtml>

[Voltar ao Sumário](#)

Data: 06/01/2020

Advogadas investem em bancas formadas apenas por mulheres

Um número cada vez maior de advogadas tem deixado de trabalhar em bancas tradicionais ou empresas para fundarem escritórios próprios formados apenas por mulheres. O motivo é simples. Elas já representam praticamente metade dos profissionais do país - 581.527 advogadas, ante 592.262 advogados, segundo a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) - mas ainda assim estão em desvantagem nos cargos de liderança em escritórios e departamentos jurídicos.

No Paraná, por exemplo, há 1.841 escritórios formados exclusivamente por mulheres. A OAB do Estado foi a primeira a admitir, em 1994, que as bancas "femininas" utilizassem a nomenclatura "Sociedade de Advogadas". Na Bahia, já são 712 sociedades formadas apenas por mulheres, no Rio de Janeiro são 609 e no Ceará 353. A maior seccional do país, a de São Paulo, porém, não possui esses dados.

Em 2016, as advogadas e atuantes em movimentos feministas Ana Paula Braga e Marina Ruzzi decidiram fundar o Braga e Ruzzi Sociedade de Advogadas, um dos primeiros do Brasil a se especializar no atendimento de demandas femininas e a defender apenas mulheres. "Não existia nada parecido no mercado e como fazemos parte de movimentos feministas, percebemos que havia uma demanda de mulheres que sofriam violências e que queriam advogadas mais sensíveis a suas causas", diz Ana Paula. A ideia, segundo a outra fundadora, Marina, foi reunir na banca as diversas áreas do direito, como criminal e família, para assessorar esse público nas mais diversas frentes.

Já Fabíola Marques e Cláudia Abud demoraram 25 anos para concretizar uma vontade existente desde o início da composição da banca: registrar a sociedade como de

advogadas. O escritório hoje é denominado Abud Marques Sociedade de Advogadas. "Nosso projeto desde o primeiro momento era realçar que somos advogadas. Na época da fundação, porém, imaginamos que em vez de favorecer, a ideia poderia afastar clientes", afirma Fabíola. A vontade foi concretizada no 25º aniversário da banca. "Agora, mais do que nunca, existe a necessidade de mostrar para o mundo que conseguimos sozinhas nosso espaço", diz a advogada que já atuou na presidência da Comissão da Mulher Advogada na OAB-SP e foi a primeira mulher a presidir a Associação dos Advogados Trabalhistas de São Paulo.

Ter o nome "advogada" não foi algo fácil. Alguns escritórios encontraram resistência nas seccionais para se registrarem dessa forma. Em novembro de 2018, porém, o Conselho Federal da OAB solucionou a questão e autorizou a inscrição das bancas como Sociedade de Advogados, Advogadas ou Advocacia.

De acordo com a vice-presidente da OAB Paraná, Marilena Winter, embora as mulheres já sejam praticamente metade dos profissionais inscritos também na seccional do Paraná, onde atua, com 35.097 advogadas e 37.252 advogados, ao analisar a quantidade em cargos de direção, os homens ainda representam o dobro. São 5.084 inscritas como sócias, ante 9.532 sócios nas bancas. "Ainda existem obstáculos para que a mulher possa alcançar a liderança na carreira", diz. Ela atribui parte desse cenário à maternidade, que acaba sendo para a mulher um fator de estagnação temporária, diante dos cuidados necessários com os filhos. "Essa suspensão da carreira nada tem a ver com a capacidade", afirma.

Para ela, ainda é necessário um trabalho de conscientização para a questão feminina nos escritórios, que poderiam oferecer horários mais flexíveis, licença maternidade que pode-se revezar com paternidade, entre outras

Data: 06/01/2020

medidas. “Temos capacidade de trabalho e energia produtiva como a dos homens e esse ponto já foi vencido. Agora enfrentamos outros desafios como igual remuneração, igual condição de acesso a cargos de liderança e promoções”, afirma

A advocacia ainda é uma profissão machista, na opinião da criminalista Daniela Teixeira, do Daniela Teixeira Advocacia, banca que conta com quatro sócias e duas estagiárias. Ela, que já foi indicada pelo Supremo Tribunal Federal (STF) para assumir uma vaga de ministra no Tribunal Superior Eleitoral (TSE), afirma que a Justiça tem sido mais avançada neste sentido. Em 2018, por exemplo, a presidência do Supremo pertencia à ministra Carmen Lucia e a procuradoria-geral da República era comandada pela Raquel Dodge. “Eram mulheres em todas as pontas do Judiciário, mas não é assim na OAB”. Para ela, apesar dos avanços, a Ordem “ainda continua sendo um clube de homens brancos e velhos”, diz.

Ela avalia, porém, que aos poucos, o cenário vem melhorando. “Quando eu assumi como conselheira da OAB federal, éramos cinco mulheres dentre 81 membros. Agora são 18 conselheiras”, diz. Atualmente, há 19 mulheres como vice-presidentes das seccionais da Ordem no país, segundo a advogada. O Distrito Federal, o Rio Grande do Sul e o Paraná já tiveram presidentes mulheres. A OAB federal ainda não.

Daniela afirma que foi uma vitória conseguir com o atual presidente da OAB, Felipe Santa Cruz, a garantia de que 50% dos palestrantes na Conferência Nacional da Advocacia deste ano sejam mulheres. Na área penal, ela afirma ter obtido o primeiro habeas corpus para um investigado na Operação Lava-Jato. Mas, segundo Daniela, as advogadas ainda não têm a mesma visibilidade dos colegas criminalistas.

Segundo a diretora da Diretoria de Mulheres da OAB do Rio, Marisa Gaudio, as advogadas estão empreendendo mais, pois como nem sempre conseguem se destacar em grandes

escritórios e se tornarem sócias, muitas abrem bancas próprias.

Raquel Carneiro, vice-presidente da Comissão de Sociedade de Advogados da Bahia destaca que há a abertura frequente de escritórios unipessoais, no qual a única sócia é mulher. Das 713 sociedades só de mulheres do Estado, cerca de 400 são formadas por apenas uma advogada. Ela destaca que a OAB da Bahia conta com 50% de representantes mulheres no conselho estadual. “Foi um projeto que ajudou essa chapa a ganhar a eleição e com certeza é um primeiro passo a favor da paridade”, diz.

<https://valor.globo.com/legislacao/noticia/2020/01/06/advogadas-investem-em-bancas-formadas- apenas-por-mulheres.ghtml>

[Voltar ao Sumário](#)

Painel

Lula vai usar sanção de juiz das garantias em processo contra Moro na ONU

Bumerangue A sanção do juiz das garantias por Jair Bolsonaro será anexada à ação movida por Lula na ONU. A defesa do ex-presidente pretende fazer nova atualização no processo que tramita no Comitê de Direitos Humanos. Os advogados vão afirmar que, ao ratificar a medida, o presidente reconhecerá que o Brasil estava inadimplente em relação a tratados internacionais —o que, segundo eles, dá força ao argumento de parcialidade do ex-juiz Sergio Moro e consequente nulidade das ações contra o petista.

Fora da curva Numa das primeiras manifestações ao organismo internacional, em 2016, a defesa de Lula já tratava a ausência da figura jurídica no país como uma “anomalia da lei brasileira”. “A maioria das jurisdições separa a fase de investigação da fase de julgamento, mas o Brasil não.”

Memórias Sem o juiz das garantias, disseram à época, havia “um perigo claro de parcialidade”. Lula alega à ONU ter sido alvo de um processo injusto e que teve direitos constitucionais infringidos, graças à atuação de Sergio Moro, hoje ministro da Justiça.

Milhas O ex-presidente está inclinado a ir a Paris, neste início de ano, para receber o título de cidadão honorário da cidade. Segundo petistas, é possível que ele aproveite para visitar outros países e “agradecer a solidariedade que recebeu de lideranças europeias”

TIROTEIO

Ao se alinhar aos EUA, o Brasil se coloca como possível alvo da reação do Irã, com perdas econômicas e riscos para a segurança

Do ex-chanceler Celso Amorim, sobre as críticas feitas por Jair Bolsonaro ao Irã em

meio à crise aberta por ataques dos EUA ao país

Sem alarde, Moro determina aumento no salário da elite da Polícia Federal

No sapatinho Sem alarde, o ministro Sergio Moro (Justiça) acaba de dar aumento à elite da Polícia Federal. Medida provisória publicada na última semana reestrutura cargos e, silenciosamente, distribui aumentos e gratificações.

No sapatinho 2 Superintendentes regionais sobem um degrau na remuneração do setor público, e chefes de cartórios e de núcleos de operação passam a receber um bônus. É um afago à categoria que havia se ressentido pelo ministro ter concedido benefício apenas à Polícia Rodoviária Federal.

Fogo amigo A Anatel colocou entraves a plano da pasta de Sergio Moro (Justiça) de criar uma plataforma única de atendimento a consumidores —hoje, cada agência ou regulador mantém um canal de comunicação para receber queixas.

Fogo amigo 2 Na quinta (2), saiu a portaria unificando os serviços do governo até o fim de 2020, mas com ressalvas: órgãos que comprovarem ter escala e demandas específicas poderão manter seus canais. Segundo relatos, o trecho é resposta à pressão da agência.

Presidenciável, Huck vai participar de Fórum Econômico Mundial em Davos

Holofote Luciano Huck, cotado a presidenciável em 2022, está de malas prontas para Davos, na Suíça, onde faz participação no Fórum Econômico Mundial no fim deste mês.

Drenagem Governadores do Nordeste avaliam que a aproximação do apresentador com líderes da região serve ao possível presidenciável mas, na via oposta, à esquerda, pois evita a adesão de mais fileiras do centro ao bolsonarismo.

Sem as mãos Apesar da previsão de que Jair Bolsonaro dificilmente conseguirá fundar a Aliança pelo Brasil até o início de abril, a tempo das eleições municipais deste ano, líderes da oposição não comemoram.

Sangria A leitura é que o bolsonarismo está disperso em diferentes siglas e que, diferentemente de deputados, prefeitos não correm o risco de perder o mandato se migrarem de partido após a eleição. Dessa forma, pode haver uma reconfiguração de forças locais a favor do presidente mesmo depois do pleito deste ano.

Paulo Guedes teme mais gastos e criação de novo tribunal em Minas empaca

Pare, agora Membros de cortes superiores dizem que uma das agendas caras ao presidente do Superior Tribunal de Justiça, João Otávio de Noronha, a criação do Tribunal Regional Federal em MG, emperrou no Ministério da Economia. Paulo Guedes teria alertado para o aumento de despesas.

Pare, agora 2 Relator do projeto na Câmara, Fábio Ramalho (MDB-MG) diz que não há alta de custos. Mas, para angariar apoio, pretende adicionar ao texto a criação de centros avançados de desembargadores na Bahia, no Paraná e em um estado do Norte.

Até a tampa Informações que circulam no Ministério da Agricultura dão conta de que a baixa no preço da carne, no fim do ano, pode estar relacionada a elevados estoques nos supermercados. Com a oferta represada, a expectativa é que os primeiros índices de preços de janeiro mostrem alguma queda a consumidores.

<https://painel.blogfolha.uol.com.br/2020/01/06/lula-vai-usar-sancao-de-juiz-das-garantias-em-processo-contra-moro-na-onu/>

[Voltar ao Sumário](#)

Coluna Mônica Bergamo

Procon-SP aplica R\$ 331 milhões em multas em 2019

O Procon-SP aplicou R\$ 331 milhões em multas a empresas acusadas de praticar irregularidades contra o consumidor no ano de 2019.

O montante foi acumulado nos 6.700 autos de infração lavrados pela instituição. Desse valor, R\$ 58 milhões foram repassados ao governo estadual.

O setor de postos de gasolina foi o mais penalizado, com R\$ 12,9 milhões em multas aplicadas. Em seguida vêm o ramo de hipermercados, multados em R\$ 8,5 milhões.

Na quantidade de reclamações, o setor de telefonia fixa foi o campeão nos dois semestres de 2019.

O Procon-SP diz que reduziu a solução de reclamações de usuários e irregularidades praticadas por empresas para dez dias.

Isso, segundo o órgão, se deu com o aprimoramento do seu aplicativo e de seu novo site, além da criação de novas unidades do Procon em municípios paulistas.

Em 2019, as concessionárias de rodovias estaduais paulistas investiram R\$ 7 bilhões em obras e na operação e manutenção de 8,4 mil quilômetros de rodovias. Em 2018 foram investidos R\$ 6,2 bilhões.

O levantamento é da Artesp (Agência de Transporte do Estado de São Paulo). Os maiores aportes em obras no período foram feitos pelas concessionárias Tamoios, Rota das Bandeiras, Entrevias e ViaPaulista.

A Ancine (Agência Nacional do Cinema) vai estabelecer regras de integridade que preveem análises de possíveis conflitos de interesses de seus servidores. Eles deverão

informar se têm participação em empresas produtoras e prestadoras de serviços para o setor do audiovisual, assim como se algum familiar atua no meio.

A medida é uma recomendação da Controladoria Geral da União, no contexto das apurações de irregularidades dentro da Ancine, nas quais também estão sendo investigadas condutas de servidores.

A atriz Natalia Gonsales está no espetáculo "Fóssil", com texto de Marina Corazza, que aborda a luta das mulheres curdas; com direção de Sandra Corveloni, a peça estreia no Sesc Pompeia, em São Paulo, na quinta-feira (9).

Autor dos murais feitos com projéteis de armas de fogo para a Aliança pelo Brasil e para o ministro da Justiça, Sergio Moro, o artesão Rodrigo Camacho, 40, viaja neste mês aos Estados Unidos, onde vai expor o seu trabalho na feira de armas Shot Show.

Na bagagem, ele levará um retrato de Dana White, presidente do UFC, a quem quer presentear, feito com balas de revólveres e fuzis.

Ele diz que avisou dos seus planos à embaixada americana no Rio de Janeiro e espera não ter problemas na alfândega. "O povo americano valoriza muito a arte", destaca.

"Os próximos que quero fazer são [retratos] do Rambo, Exterminador do Futuro, Ayrton Senna e Donald Trump", conta Camacho.

O número de pedidos de reembolso feitos por assegurados da Bradesco Saúde pelo site ou pelo aplicativo da empresa cresceu 230% entre outubro de 2018 e de 2019. Segundo a operadora de plano de saúde, isso reduziu o

FOLHA DE S.PAULO

Data: 06/01/2020

tempo de ressarcimento aos usuários em 40%
—até cinco dias.

A cantora americana Lucy Brand fez um tributo a Ella Fitzgerald no JazzB, em São Paulo, na semana passada. A pianista Louise Woolley, a cantora sueca Cecilia Stalin e o fundador do espaço, Máximo Levy, estavam lá.

A Federação Israelita do Estado de São Paulo, junto ao American Jewish Committee, realiza campanha em combate ao antissemitismo. Nesta segunda (6), nas redes sociais, com a hashtag #JewishandProud (judeu e com orgulho).

A peça "O Mágico de Oz", com adaptação de Billy Bond, estreia no Teatro Bradesco. No dia 11, às 15h.

O médico Luiz Antonio do Nascimento é o novo diretor-geral do Hospital Regional Doutor Osiris Florindo Coelho, de Ferraz de Vasconcelos.

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2020/01/procon-sp-aplica-r-331-milhoes-em-multas-em-2019.shtml>

[Voltar ao Sumário](#)

Nascida na periferia de SP vira secretária estratégica de Doria

São 6h quando o porteiro anuncia a chegada da professora de ioga ao prédio de classe média alta onde Patricia Ellen da Silva, 41, mora com as filhas gêmeas de 5 anos, Ana Vitória e Maria Luísa.

Quinze minutos depois, a secretária de Desenvolvimento Econômico de São Paulo estende o tapetinho na sala do duplex para iniciar a prática de hatha ioga.

"As aulas têm sido cada vez mais cedo", brinca Fabrisia Freitas, sobre o horário de 5h30 ou 6h reservado para a aluna madrugadora. "A energia dela impressiona."

Entre posturas e respirações, elas contam que se conheceram quando Patricia fez curso para mães e bebês, com técnicas de massagem como shantala.

A mãe de primeira viagem empreendeu uma luta para ter parto normal e amamentar, nadando contra a corrente que dizia ser impossível. "Amamentei as meninas por dois anos."

Divorciada há um ano, Patricia Ellen divide a guarda das crianças com o ex-marido, um engenheiro com quem alterna a rotina de levar as meninas à escola bilíngue.

Na manhã chuvosa da quarta-feira (17), a secretária encara uma hora de ioga que culmina com um invertida de ponta-cabeça.

Na noite anterior, participara do jantar de fim de ano do Agora!, movimento que cofundou em 2017 com os cientistas políticos Leandro Machado e Ilona Szabó, colunista da Folha.

Ao lado de Luciano Huck, Patricia Ellen fez um balanço do movimento nascido em torno de uma centena de lideranças desejosas de renovação na política e na gestão pública.

Ela como ocupante de uma secretaria estratégica do governo do estado de SP. Huck como potencial candidato à Presidência da República em 2022, concorrendo eventualmente com o chefe dela, o governador João Doria (PSDB).

"Não se transforma a gestão pública e a política com um único líder. É preciso um grupo engajado, ocupando vários postos", diz a secretária.

Um dos compromissos dos integrantes do Agora! é dedicar pelo menos dois anos ao serviço público.

Patricia Ellen trabalhou como consultora na gestão Doria na Prefeitura de São Paulo, em um projeto de planejamento estratégico e de visão de longo prazo para a cidade.

Ela usava o crachá de sócia da Mckinsey, status que conquistou na empresa global de consultoria com apenas 32 anos.

Ao ser eleito governador, Doria a convidou para ocupar uma pasta cobiçada por políticos. Guilherme Afif Domingos, Alberto Goldman e Geraldo Alckmin foram alguns dos titulares nas últimas administrações.

A opção técnica de Doria chegou com a missão de mexer em feudos dominados por Márcio França (PSB), vice-governador na gestão Alckmin, e Paulinho da Força Sindical (Solidariedade).

"Toda mudança causa tensão e reação", afirma. A secretária diz ter tido carta-branca para exonerar todos os diretores das Juntas Comerciais, cargos comissionados e tradicionalmente de nomeação política.

Para preencher as 16 vagas foi feito processo seletivo que atraiu 2.000 candidatos. "Todo mundo com MBA, mestrado", diz a secretária, sobre os novos gestores nomeados em meados de dezembro.

Levou quase um ano para estruturar o modelo de seleção, sistematizado pela Secretaria de Governo para ser replicado no Detran e na secretaria de Educação.

“A gente chega ao setor público sem ter ideia de quanto as coisas demoram, de como é difícil contratar”, admite Patricia Ellen.

Só foi entender os códigos ao pilotar uma máquina que agregou a pasta do Trabalho à área de ciência, tecnologia e inovação, incluindo universidades estaduais e escolas técnicas, com orçamento de R\$ 17,5 bilhões para 2020.

Às 8h15, ela chega à secretaria para a primeira reunião. A pauta é o Centro Internacional de Tecnologia e Inovação, uma espécie de Vale do Silício paulista.

Despacha com técnicos sobre a forma adequada de levar empresas para o futuro campus.

A secretária se define como uma “liberal, progressista, 4.0”. “Liberal na economia, com olhar atento para inclusão nas pautas de costumes e para tecnologia e inovação.”

Encara uma hora de trânsito para chegar à Expo, onde participou do Seminário de Gestão Pública para uma plateia de prefeitos e gestores municipais de todo o estado. Anuncia a liberação de R\$ 45 milhões para reformas de escolas técnicas em 37 municípios.

Estranha no ninho, causa espanto entre os políticos mais tradicionais. “Olha a louca pulando corda e fazendo ioga”, escreveu um prefeito do interior, ao comentar um post com fotos da secretária na festa de aniversário das filhas e na ioga.

Patricia respondeu com humor: “Pô, como assim? Agora é louco quem pula corda e faz ioga? O mundo está doido mesmo”.

Precisou criar protocolos para se proteger. “Já me vi em algumas frias nas primeiras conversas com deputados. Hoje, tomo cuidado, vou sempre acompanhada às reuniões.”

Aprendeu a escutar e a encaminhar demandas. “Não faz sentido receber prefeito só para tomar cafezinho. Eles se sentem bem tratados se têm seus problemas resolvidos.”

Para Leandro Machado, a colega de Agora! e da comunidade Jovem Líderes Globais do Fórum Econômico Mundial tem uma visão contemporânea de liderança. “Não é uma coisa dada. Patricia entende que precisa ser construída, burilada.”

É o que ela ensina no mestrado do Centro de Liderança Pública, onde dá um curso de liderança adaptativa, conceito criado por Ron Heifetz, de Harvard, onde fez mestrado.

“Foi o professor mais inspirador da minha vida”, diz. “Para ele, gestores públicos para serem mais transformadores e humanos precisam trabalhar um processo de autoconhecimento e mobilizar sistemas.”

A executiva acelerada diz ter integrado meditação, reiki e ioga à rotina para ser uma melhor gestora e entender o que a faz derrapar, perder o controle.

Nascida no Campo Limpo, nas bordas da favela do Real Parque, na zona sul, Patricia Ellen graduou-se em Administração na USP e fez mestrado em Harvard e no Insead.

É um ótimo exemplo da tal meritocracia, tão cara ao ninho tucano que a acolheu. É Silva, em um Brasil que condenou uma legião deles à base da pirâmide.

Chegou ao topo numa escalada por mérito, somado à tenacidade, resiliência e sólida base familiar.

Ao final de um dia puxado, que teve na agenda palestra no Google Campus e evento no Centro Paula Souza, ela repõe as energias no boteco do tio Milton, na Vila das Belezas.

Passa para dar um abraço em dona Celina, a avó paterna, que mora nos fundos do bar.

A matriarca da família, aos 94 anos, brinca com a idade. "Tô nova." Ela vive na mesma casa que a abrigou quando chegou a São Paulo vinda de Sergipe para criar 16 filhos. Foram 21 gestações, cinco não "vingaram".

"Ela desbravou isso aqui, lavava roupa para fora pegando água no poço", conta a neta, que pretende escrever um livro sobre a avó. A lavadeira Celina teve como cliente a mãe do cantor Fábio Júnior.

O pai, seu Messias, 66, é dono do Bazar Real, misto de material de construção e armarinho. A mãe, Valda, 61, é motorista de Uber.

"A trajetória da minha filha é diferenciada. Ela pegou o rabo do cometa e chegou lá na frente", diz o pai.

Ao ser aprovada nos vestibulares da USP, da FGV e do Mackenzie, foi recebida com faixa na rua como primeira da família a entrar numa universidade.

Aprendeu a ler sozinha e chamou a atenção da professora da escola pública que sugeriu à mãe que tentasse uma bolsa no colégio de freiras.

Na escola particular, a desigualdade social entrou em pauta.

"Eu tinha amigos na favela, na minha rua e no Morumbi. Vivia em todos os mundos e sentia que não pertencia a nenhum deles."

Para o pessoal da comunidade, a filha do dono da lojinha era "burguesinha". "No colégio, eu era das mais pobres, aquela que a mãe da amiga tinha medo de deixá-la na nossa casa."

Dinâmica que a fez entender que a desigualdade brasileira não é só financeira. "Tem o componente intelectual, cultural, de acesso."

Um exemplo foi a visita que fez a uma colega em uma mansão no Morumbi.

"No jantar, eu não sabia comer com todos aqueles talheres. Na minha casa, meu pai fazia bolinho de arroz com farofa e comia com a mão vendo novela."

Havia ainda a barreira do domínio do inglês. Aos 19 anos, ganhou bolsa para um intercâmbio na Espanha. Emendou seis meses na Inglaterra, onde foi garçom e camareira enquanto ganhava fluência no inglês, passaporte para entrar na McKinsey.

Quando voltou, ajudou a montar no Real Parque uma unidade da ONG Cidadão Pró-Mundo, que ensina inglês em favelas.

As angústias de viver entre dois mundos persistem. "Moro no Alto de Pinheiros onde a média de idade ao morrer é de 20 anos a mais do que no Campo Limpo. Não dá para banalizar essa diferença gritante em razão do CEP."

Aos 30 anos, quando começou a crescer como executiva, teve crise do pânico. "Cada passo para frente, financeiro e profissional, eu sentia que me distanciava da família."

O lado zen ajudou a integrar os dois mundos. "Sou a mesma pessoa, não tinha porque negar minha prosperidade."

A realidade da família de classe média baixa a mantém conectada com o Brasil real. "Tenho parentes empreendedores e também em dificuldade, que já foram presos."

Uma das razões que a fizeram assumir a secretaria, diz ela, é ajudar indiretamente e de forma mais estrutural um tio taxista, um tia costureira, um primo desempregado.

"É uma forma de honrar as minhas origens. Já que tive tanta oportunidade, eu vou usar isso para chegar mais longe ou para colocar meus dons a serviço dessas pessoas?", indaga.

A resposta é que jamais esteve tão realizada quanto na atual função. "Nunca me senti tão alinhada com meu propósito e meus valores."

O convite de Doria a fez deixar a presidência da Optum, empresa de tecnologia em saúde, e abrir mão de remuneração bem mais alta do que os R\$ 20 mil de secretária de estado.

"Só decidir vir para a gestão pública quando estava preparada para me doar. Tive privilégio como executiva de conseguir fazer meu pé-de-meia."

Com a incerteza sobre a candidatura de Bruno Covas (PSDB) à reeleição e o xadrez político de Doria para chegar à Presidência, Patricia Ellen pode vir a ocupar o posto de rainha no tabuleiro da eleição municipal em 2020.

"Ela tem o perfil ideal para ser candidata a prefeita", avalia Rodrigo Tavares, ex-assessor internacional na gestão Alckmin, diante da possibilidade de Covas não se candidatar por razões de saúde.

A secretária sai pela tangente quanto à especulação. "Não penso nisso. Meu perfil é claramente técnico. Quero deixar um legado no cargo que ocupo e não fazer política pela política."

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/redesocial/2020/01/nascida-na-periferia-de-sp-vira-secretaria-estrategica-de-doria.shtml>

[Voltar ao Sumário](#)

Racismo gera diferença salarial de 31% entre negros e brancos, diz pesquisa

A diferença salarial entre brancos e negros, de 45%, de acordo com a Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) de 2019, não pode ser atribuída apenas à falta de oportunidade de formação para pessoas negras. Segundo cálculo do Instituto Locomotiva, a diferença salarial ainda é significativa, de 31%, quando comparados os salários de brancos e negros com ensino superior, isoladas todas as demais variáveis. Sobra apenas a cor da pele.

“Trata-se de uma desigualdade persistente que só pode ser explicada pelo racismo estrutural. Por um lado, ele se expressa no preconceito racial. Por outro, no maior capital social dos brancos: o famoso ‘quem indica’ de um branco é outro branco que está em um cargo alto”, afirma Renato Meirelles, presidente do Locomotiva.

Uma pesquisa realizada pelo instituto com 1.170 pessoas em 43 cidades demonstrou que a percepção dos brasileiros está afinada com esta realidade. De cada dez respondentes, cinco (55%) disseram que pessoas brancas têm mais oportunidades de estudo. E 65% afirmaram que brancos têm mais chances no mercado de trabalho. Entre os não negros, 63% reconheceram ter mais oportunidades.

“Essa percepção se materializa na prática”, afirma Daniel Teixeira, do Ceert (Centro de Estudos de Trabalho e Desigualdades), que já realizou censos entre funcionários de cerca de 40 empresas, sem encontrar nada perto de equidade racial.

Segundo dados do IBGE, 56% dos brasileiros se autodeclararam pretos ou pardos.

“A regra no Brasil é enxergar a questão racial como o patinho feio da pauta da diversidade. Algo que pode ser deixado para depois”, diz ele.

Por conta disso, afirma Teixeira, os programas de diversidade das empresas passaram anos focando em pessoas com deficiência, por conta de cotas estabelecidas pela lei 8.213/91, e nas mulheres, “que já fazem parte de alguns conselhos onde ainda não há pessoas negras”.

De fato, mesmo a Natura, a única empresa brasileira a figurar entre as cem mais diversas e inclusivas do mundo, segundo o Índice de Diversidade & Inclusão (D&I) da Refinitiv, do grupo Reuters, tem apenas 1% de pessoas negras em cargos de gestão, de acordo com seu relatório anual de 2018. Procurada, a Natura afirmou que, neste ano, o percentual subiu para 6% nos cargos gerenciais e saiu de zero para 2% na diretoria.

A empresa de cosméticos ocupa a quarta posição do índice internacional em 2019.

Em geral, esse tipo de dado não é tratado com tanta transparência. Para a pesquisadora Cida Bento, coordenadora e fundadora do Ceert e colunista da Folha, um misto de cautela e vergonha impede as empresas de divulgarem essas informações.

Segundo ela, o percentual de colaboradores negros nunca é proporcional a sua representatividade na população brasileira e, em geral, está concentrado em cargos mais baixos. Para Bento, políticas de equidade racial não devem se limitar a programas de estágio ou trainee.

“Este tipo de profissional costuma ficar de um a dois anos na empresa e, se contratado, levará de 10 a 15 anos para desenvolver uma carreira. Faltam referências para o jovem negro, que não se vê representado no alto comando das organizações.”

Censo realizado em escritórios de advocacia do país apontou que menos de 1% dos advogados júnior, pleno, sênior ou sócio eram negros. Entre os estagiários, eram 9,3%.

No Facebook Brasil há ao menos um diretor negro: o engenheiro industrial Denis Caldeira de Almeida, diretor de pequenos negócios para a América Latina. Nascido no bairro São Miguel Paulista, no extremo da zona leste paulistana, ele coordena o grupo de Diversidade do Facebook na América Latina e orienta jovens profissionais negros.

Com mestrado na França, cursos na Universidade da Pensilvânia (EUA) e na USP, ele reconhece que sua trajetória é incomum para um jovem negro da periferia.

“Tive muitas portas fechadas. Cheguei a pedir demissão três vezes [de uma única empresa] para ter meu trabalho reconhecido. Há poucas oportunidades para negros. Tento treinar aqueles para quem faço mentoria a identificar boas oportunidades”, afirma.

O Facebook Brasil não diz quantos negros trabalham na companhia. Os dados disponíveis são globais e mostram 3,8% de colaboradores negros em 2018, e 3,5% em 2017. Em cargos de liderança, a taxa passou de 2,4% para 3,1%.

A falta de oportunidades leva muitos negros ao empreendedorismo de necessidade. Cálculos do Locomotiva a partir da Pnad apontam que empreendedores negros são maioria no país (52%).

Enquanto 25% dos brasileiros desejam abrir o próprio negócio, entre pessoas negras o índice é de 33%.

“Esse empreendedorismo não pode ser compulsório”, afirma Daniel Teixeira, do Ceert. “Para muitas pessoas negras, o empreendedorismo é o lugar da falta de empregabilidade.”

Para Adriana Barbosa, presidente da PretaHub e da Feira Preta, um dos maiores eventos de cultura negra do país, que reúne mulheres negras empreendedoras, é “a estrutura de

exclusão que faz com que pessoas negras empreendam numa lógica da escassez”.

“O contexto de discriminação racial e a falta de acesso a oportunidades faz com que essas pessoas estejam à margem do mercado de trabalho formal e, portanto, sejam a maioria entre os microempreendedores individuais”, diz.

Mas ela vê esse contexto mudando. “Cada vez mais o jovem negro tem desejo de empreender por oportunidade, por vocação e por engajamento, desenvolvendo produtos específicos para as demandas da população negra, excluída do mercado de consumo mais amplo.”

Segundo Meirelles, o consumo da população negra movimenta R\$ 1,8 trilhão ao ano. A desigualdade salarial com base em raça é o que impede o número de ser ainda maior, diz.

“As habilidades que estão na ponta dos processos seletivos são aprendidas no dia a dia de quem vive na periferia: lidar com a diversidade, ter empatia, ser criativo, se virar em situações de crise”, avalia. “Quanto mais igual a equipe, menos espaço para o contraditório e o diferente, logo, menos conectada a empresa fica com seus potenciais consumidores.”

Estudo da consultoria McKinsey encontrou uma correlação positiva entre diversidade e performance financeira. De acordo com a pesquisa “Delivering through diversity” (entrega através da diversidade, em tradução livre do inglês), as empresas com maior diversidade étnica tinham 33% mais chances de ter uma performance financeira acima da média de seu setor.

<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/01/racismo-gera-diferenca-salarial-de-31-entre-negros-e-brancos-diz-pesquisa.shtml>

[Voltar ao Sumário](#)

Governo agiliza digitalização, mas cria brecha para redução de privacidade

O Brasil tem ao menos 20 bases federais que guardam dados de documentos como CPF, RG, passaporte e cartão do SUS. Um cadastro ligado ao INSS, por exemplo, tem 51 bases replicadas nele, que constam informações laborais da base do FGTS a dados sensíveis, como a biometria do título de eleitor.

Considerando 22 ministérios, dezenas de autarquias, institutos e universidades públicas, o número de bases pode ultrapassar 500, de acordo com estimativa de especialistas baseada no Sisp, sistema federal de tecnologia de informação.

O governo pode saber da vida econômica, das relações empresariais, do histórico estudantil, do parentesco e do local onde os cidadãos moram, além da cor da pele e a impressão digital.

A partir das bases já disponíveis, não seria preciso, por exemplo, quebrar o sigilo de dados bancários para combinar a base do CPF com a do Caepf (Cadastro de Atividade Econômica da Pessoa Física) e mapear a atividade econômica de uma pessoa.

Também não seria necessário instalar um sistema chinês de câmeras inteligentes na rua para atrelar essas informações financeiras ao rosto de alguém. Bastaria ligar dados do Caepf à foto da carteira de habilitação —que está disponível à administração pública.

O governo tem informações sobre o piso da casa, se a pessoa faltou ao trabalho, se tem parentesco com presidiário e se a residência dispõe de energia elétrica. Dados desse tipo estão no CadÚnico, um cadastro para fins de assistência social como Bolsa Família.

O cruzamento de informações nesses bancos é necessário para a criação de políticas públicas. O fluxo de dados foi facilitado por dois

decretos editados em 2019 pelo governo Jair Bolsonaro. A ação integra uma estratégia que busca digitalizar e unificar os serviços ao cidadão.

Por meio das secretarias de Governo Digital e de Desburocratização, o Ministério da Economia intensificou a pauta este ano. Diz ter digitalizado mais de 500 serviços, que podem gerar uma economia anual de R\$ 100 milhões. A meta é chegar aos 100% digitalizados.

Para dar esse serviço na ponta, o governo mexe em pontos estruturais e menos visíveis. Tornou mais fácil para um ministério usar dado de outro e implementou um cadastro cuja plataforma tecnológica estará relacionada a dezenas de bases públicas.

Uma das ideias é que o cidadão não precise mais atualizar seus dados —seja o nome de solteiro ou novo endereço— em uma série de órgãos, mas em apenas um. Unindo isso a aplicativos e serviços unificados em um site, a pasta quer reduzir filas, custos aos cofres e minimizar fraudes.

“Temos o objetivo de aumentar o compartilhamento de dados dentro do governo. Estamos em um programa acelerado e o dado tem que circular”, diz Luis Felipe Salin Monteiro, secretário do Governo Digital.

Segundo ele, é preciso sincronizar as bases distribuídas, como do Ministério da Infraestrutura e da Receita Federal, por exemplo, para evitar duplicidade. O governo usa o conceito “ask once” (pergunte uma vez, na tradução do inglês).

“Um cidadão que quiser receber benefício do auxílio-desemprego ou licença-maternidade vai conseguir de forma menos burocrática porque diferentes órgãos poderão checar sua biometria, hoje cadastrada em tribunais eleitorais ou na PF para passaporte”, diz.

Os aplicativos federais poderão contar com funções de reconhecimento facial e leitor biométrico para autenticar a identidade dos cidadãos. Por isso que o governo incluiu no texto de um dos decretos trechos como “formato da face”, “voz” e “maneira de andar” ao descrever dados biométricos. A previsão de investimento do Ministério da Economia é de R\$ 2 milhões para a interoperabilidade, incluindo a implantação do cadastro base, APIs e blockchain.

A pauta tem avançado, mas não é de hoje. Desde 2010 foram criadas políticas para governança de dados e, em 2016, durante o governo Temer, a estratégia de governo digital.

“Dilma e Lula pecaram mais por omissão do que por tentar fazer alguma coisa. Apesar de o Brasil ter firmado parceria pelo governo aberto em 2011, não houve investimento robusto em questões como identidade digital. Alguns exemplos estaduais se destacaram, como o Login Cidadão, no Rio Grande do Sul, que conseguiu dar ao cidadão o controle sobre os dados”, diz Adriana Meireles, cientista política da UnB (Universidade de Brasília) e pesquisadora de proteção de dados.

Apesar de objetivos desejáveis como mais praticidade e diminuição do tempo de espera em filas, algumas medidas encontram resistência dentro do Congresso e na comunidade acadêmica. “A ideia de ter um governo com acesso a todos os dados, independentemente da finalidade, é absurdo. Isso pode escalar para casos extremos de mau uso para segurança pública, discriminação e vigilância”, diz Meireles.

O ponto crucial do debate é o da finalidade. Apesar de mencionar a LGPD (Lei Geral de Proteção de Dados), o decreto que cria o cadastro base minimiza o fato de que o cidadão fornece um dado porque sabe que ele será usado para determinado fim, não para outro.

Além disso, os decretos não incluem previsão de um canal de transparência para que as pessoas tenham conhecimento sobre o uso de suas informações por diferentes órgãos.

Outro ponto de atenção é que, nesse cenário, estatais operadoras de grandes bases de dados, como Serpro e Dataprev, deverão ser privatizadas. Pesquisadores temem que haja abuso do setor privado.

“Vários países têm unificação, já é uma realidade. O que é crítico é que assumiu-se que o comitê gestor [um conselho que vigiaria o uso de dados do poder público], criado só por pessoas do governo, estaria sob vigilância da recém-criada autoridade de proteção de dados, mas isso não está explícito no texto”, diz Alexandre Barbosa, engenheiro e pesquisador do ITS-Rio (Instituto de Tecnologia e Sociedade do Rio de Janeiro).

A preocupação central é que, se o poder público também não for vigiado, ele terá recurso para saber o que quiser de um cidadão sem prestar contas disso, o que iria contra princípios da LGPD e da OCDE, que sugere que sejam especificados os propósitos diferentes para os quais um dado foi coletado.

Além de identificar um cidadão por dados simples preenchidos em qualquer cadastro, como nome, idade e local de nascimento, o governo pode criar um retrato preciso da vida de uma pessoa.

“Cria-se uma imensa capacidade de perfilamento com dados de saúde e até de lugares frequentados, porque o cidadão coloca o CPF na nota ao comprar em um supermercado”, afirma José Laranjeira de Pereira, advogado e pesquisador de direito e internet.

Se dados biométricos forem incluídos no cadastro, como face captada por uma câmera, será possível saber se a pessoa atravessou a rua fora do semáforo, se jogou chiclete no chão, onde vai, com quem vai.”

O governo diz que disponibilizará um mecanismo de transparência para que o cidadão saiba qual o uso de seu dado, incluindo nome do servidor. E que atuará próximo a autoridade de proteção de dados, que transações serão realizadas com estrita privacidade e que o sigilo será respeitado.

<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/01/governo-agiliza-digitalizacao-mas-cria-brecha-para-reducao-de-privacidade.shtml>

[Voltar ao Sumário](#)

Coluna Estadão

'Aliado' do Congresso no caminho de Deltan Dallagnol

Representação aberta pelo Conselho Nacional do Ministério Público (CNMP), a pedido de Renan Calheiros (MDB-AL), contra Deltan Dallagnol foi distribuída para Otávio Luiz Rodrigues, conselheiro indicado pela Câmara dos Deputados. Mesmo entre a ala mais simpática à Lava Jato no órgão o caso já era considerado o mais espinhoso para Dallagnol. Agora, com um relator visto como aliado do Congresso, as dificuldades deverão crescer para o coordenador da operação. O senador alagoano acusa o procurador de atuação político-partidária.

O passado... Diferentemente de casos mais complexos, baseados nas conversas divulgadas pelo site The Intercept, esse é mais objetivo e tem provas, dizem conselheiros.

... condena? Dallagnol divulgou vídeo pelo voto aberto na eleição do Senado, o que favorecia adversários de Renan. O CNMP abriu a representação, recusou a alegação de atuação político-partidária, mas disse que vai "investigar" quebra de decoro no caso.

Pera lá. No entorno do procurador, a sensação é de que há "um clima punitivo" contra Dallagnol porque adversários da Lava Jato não conseguem dar seguimento a casos relacionados às conversas do The Intercept, obtidas ilegalmente.

Ops. Há alguns meses, falando sobre o caso em conversa reservada no CNMP, o procurador da Lava Jato teria dito: "Vacilei".

Tic-tac. O TRF da 3.^a Região criou grupo de trabalho para analisar a instituição do juiz de garantias.

O meu... A defesa do ex-presidente Lula ainda comemora o "ok" de Bolsonaro ao juiz de garantias. Para os advogados, essa mudança no sistema penal é discussão indissociável da suposta suspeição de Sérgio Moro e fortalece a petição feita à ONU contra o ministro.

... também. A defesa do petista recorreu à entidade internacional sob o argumento de que, por não haver uma figura como a do juiz de garantias no Brasil, Lula foi perseguido por Moro.

Sem tempo a perder. Embora o ano mal tenha começado, os senadores já se articulam pela relatoria do Orçamento de 2021. A percepção é de que quem participou das discussões sobre o tema no ano passado ganhou projeção junto aos governos locais.

De olho no futuro. Como alguns mantêm a intenção de se lançar para governador, querem aproveitar para se cacifar junto às bases eleitorais nas eleições deste ano. Um dos cotados é o senador Roberto Rocha (PSDB), que quer disputar o governo do Maranhão.

Maratona. O ex-presidente do Senado Eunício Oliveira (MDB-CE) pode ter perdido a eleição no ano passado, mas não a "boa forma". Ao menos, não a política. Levou para uma corrida de 10 km, em Miami, Rodrigo Maia, João Doria e Alexandre Baldy.

Pauta cheia. O Congresso retomará os trabalhos com oito medidas provisórias para analisar em fevereiro. Dentre elas, a polêmica do programa Verde e Amarelo, considerado uma minirreforma trabalhista, a extinção do DPVAT, e a mudança de regras para a emissão de carteirinhas estudantis.

Trocando... Caso haja um acirramento na tensão entre Irã e EUA, analistas financeiros dizem que o impacto no Brasil pode vir, especialmente, em fevereiro.

... **em miúdos**. Uma provável alta no dólar e no preço do barril de petróleo torna improvável um novo corte na taxa Selic – hoje a 4,5%.

BOMBOU NAS REDES!

Luiz Philippe de Orleans e Bragança, deputado (PSL-SP): “O Brasil não poderia efetuar uma operação contra o terrorismo internacional, como os EUA. (...) Somos ‘não intervencionistas’, nossa arma é o bate-papo.”

<https://politica.estadao.com.br/blogs/coluna-do-estadao/aliado-do-congresso-no-caminho-de-dallagnol/>

[Voltar ao Sumário](#)

Coluna Direto da Fonte - Sônia Racy

País 'precisa de competição para avançar', diz economista

Para o economista, segurança jurídica também é essencial para atrair investimentos e crescer

José Roberto Mendonça de Barros é íntimo, há várias décadas, dos desafios e dilemas da economia brasileira. Sócio da MB Associados, que atende a 50 das maiores empresas e instituições financeiras do País, ele foi, no governo FHC, secretário de Política Econômica da Fazenda. Mais recentemente, estruturou o projeto de novo mercado da B3 – ex-Bovespa e ex-BM&F.

Nessa longa travessia, uma de suas constatações centrais foi o que chama de “naufrágio espetacular” do modelo petista de crescimento, que “gerou a maior crise fiscal do País, na qual ainda estamos patinando”. Outra é que, no capitalismo, “um componente que deu errado foi que o grau de competição entre as empresas diminuiu drasticamente”. A terceira, de volta ao Brasil, é a sua expectativa de que avanços como a reforma da Previdência, já resolvida, e medidas como a PEC Emergencial, em andamento no Congresso, consigam “abrir espaço para aumentar o investimento privado” – e, por tabela, acelerar o crescimento. A seguir, alguns dos trechos principais da conversa.

Vamos começar com uma questão básica: por que o Brasil não cresce? Às vezes dá mais, dá menos, mas na média são os mesmos 2% ao ano.

Nós tivemos, reconhecidamente, a maior crise em 2014, 15 e 16. Nunca vivemos uma experiência de crise tão profunda. O PIB caiu acumuladamente 4%, quase 5%. O PIB per capita caiu praticamente 9%. A experiência lá fora é de que isso só acontece em guerra ou, em países pequenos, quando há um cataclisma.

O País entrou num clima de guerra política, como na maior parte do mundo, dos contra e dos a favor... De que modo isso afetou a economia?

Foi o naufrágio espetacular do modelo petista de crescimento, que se concentra em colocar o Estado pra dominar tudo e gastar como se não houvesse o amanhã. Gerou a maior crise fiscal do País, na qual ainda estamos patinando. Destruiu a expectativa, o investimento, e produziu uma recessão fenomenal. Foi um fiasco histórico, pôr o Estado como puxador do crescimento. Destruiu um pedaço da indústria, só o agronegócio continuou crescendo impavidamente.

E as instituições financeiras. O governo do PT foi a época em que elas mais lucraram.

É verdade, mas hoje elas podem passar pelo que pode ser um mau pedaço. Pela competição, como antes mencionei. Nunca antes o Brasil demorou tanto pra sair de uma recessão. Tivemos outras no passado, mas quando acabavam era em V (desce e sobe). Agora não, caímos e estamos saindo em um passo lento, de 1% ao ano.

Formato em L, como se diz?

Sim, um L com a base meio entortada, pois 1% é nada, é medíocre. Foi uma década perdida mesmo. Mas retomando sua pergunta, por que é que a gente não consegue crescer mais rápido? Na minha percepção, precisamos de várias coisas. Uma já feita, a reforma da Previdência. A outra é esse conjunto de medidas mandadas ao Congresso – a mais importante é controlar o crescimento das despesas correntes, naquela PEC Emergencial. Isso vai abrir espaço pra aumentar o investimento privado. O governo promete leilões pra este ano. Se eles acontecerem o investimento aumenta e a construção civil se recupera – ela caiu 28% de 2014 até 2018.

É o setor que mais emprega...

Exatamente. A construção civil é que garante emprego nos EUA, na Europa, na China, em qualquer lugar. E sem melhorar o emprego não tem como melhorar o mercado interno.

E qual seria o caminho?

Precisamos segurar a relação entre dívida e PIB, aumentar o investimento em infraestrutura, continuar abaixando os juros e aumentar a competição no mercado financeiro, para que ele saia do modelo em que o crédito era caro pra todos e muito barato pra alguns amigos do governo.

A propósito, tem uma discussão antiga sobre políticas econômicas de esquerda, de direita. Como analisa esse debate?

Entendo que a base das diferenças é, primeiro, o papel do Estado. Vamos de propostas de um Estado com um papel mínimo até as de esquerda, como vimos na experiência do PT pelas quais ele tem de meter a mão em tudo.

Isso incha o Estado, né?

E tem de inchar. Pois vai puxar todas as coisas, prover os serviços, ser o estimulador de tudo. Deu fragorosamente errado. Além do papel do Estado, temos a questão do orçamento. Aí vale a mesma coisa para as pessoas. Quem consegue viver permanentemente no vermelho, pendurado no cheque especial? A gente sabe que termina em quebra. A esquerda acredita numa história de Papai Noel pela qual, se você gastar muito, lá na frente vai melhorar a produtividade e você recupera o que gastou. Só que isso nunca acontece...

Tem de ter uma política correta e com continuidade, não?

Sim, precisa dar um tempo para as coisas assentarem. No Brasil temos uma sociedade que gosta de litígio na Justiça. Aqui temos o maior

volume de litígios – daí vem o dito, entre nós, de que “tem lei que pega e lei que não pega”. Todas as boas experiências, antes de darem certo, têm um teste na Justiça. Então a gente tem de ter paciência. Não pode ficar mudando a jurisprudência de um dia pro outro. Por isso tem que pensar nas reformas e dar um tempo de cinco anos, seis, sem ansiedade.

Houve uma época em que se dizia que empresa boa era empresa que não tinha dono. Hoje, ao que parece, a tendência é que a empresa tem de ter um dono líder. Faz sentido?

No modelo de propriedade, acho que não tem “o” correto, você pode ter uma empresa fechada, de um dono, que é espetacular, ou aberta, sem dono, que vai muito mal. Aí entra a história da governança. A empresa pode ter uma governança pequena, média, grande, aberta, fechada... Neste período de crise houve empresas que se saíram muito bem. Quando se fala em dono, vem à mente o Magazine Luiza, que tem um projeto magnífico.

Também O Boticário, uma empresa fechada e que fatura R\$ 13 bilhões por ano.

Você tem todos os casos. Uma empresa pra ter chance de ir adiante tem de ter três coisas, seja ela aberta ou fechada. Uma estrutura de capital razoável, a governança e a terceira é saber pra onde vai, o rumo. No primeiro caso, a estrutura de capital é decisiva, porque você não pode dever demais e ficar exposto no mercado. A governança, pelo relacionamento com o meio, a sociedade. O terceiro item, talvez o mais difícil, num mundo em intensa revolução tecnológica, é saber o que acontece lá fora.

Tem de ter rumo.

Sim, dou-lhe o exemplo do Magazine Luiza. Quem observa lá fora o efeito da Amazon e outros, sabe que o comércio eletrônico é o futuro. Mas com uma mistura com o comércio físico, pois você vende na internet. Em suma, o

que vale é um projeto adequado pra cada circunstância.

Gostaria de saber sua opinião sobre pra onde caminha o capitalismo com todas essas revoluções recentes. Como vão funcionar, num novo ambiente, instituições financeiras, empresa, trabalho, agricultura, tudo?

Minha resposta honesta: não tenho a menor ideia.

O sr. é a primeira pessoa que me dá uma resposta tão franca. Tem até quem diga que "quem sabe pra onde vai está mal informado". Porque isso vai sendo feito, é a dinâmica do mundo.

Certa vez um banqueiro me disse algo de que não vou esquecer: o otimista "é um pessimista mal informado". O que dá pra dizer é o seguinte: o que está pondo em xeque o capitalismo é a questão da distribuição de renda. O socialismo não funcionou, e sobrou o capitalismo, que funcionou do ponto de vista do crescimento. Mesmo o nosso. Com todos os seus problemas, o Brasil é hoje melhor do que há 30 anos. Só que todo mundo andou mas os frutos do progresso foram abocanhados pelos 20% ou 10% mais bem educados e mais ricos. Isso produziu uma enorme...

...desigualdade?

Sim, desigualdade. É uma enorme insatisfação que pipoca aqui e ali, pelo planeta, como acabamos de ver no Chile. Uma das pessoas mais respeitadas na área, o Martin Wolf, principal economista do Financial Times, o que ele diz? Que o capitalismo tem de se repensar e se rever. Um componente que deu errado foi que o grau de competição entre as empresas diminuiu drasticamente – e sua força está na competição, né? A nossa experiência é com o monopólio da Petrobrás. Então, botar mais competição é indispensável pra beneficiar o País, para avançar.

E as fusões aumentaram...

Cada vez mais esse bolo vai crescer. Muito bom para meia dúzia e ruim pro resto. Como consertar? Não tenho a menor ideia, porque aí já é parte do processo político.

Olhando para a frente, acha que poderia existir um Plano Real para o crescimento?

No sentido de "um chacoalhão"... acho que não. Essa é a nossa dificuldade. Temos de construir, entre outras coisas, um sistema de crédito, um sistema de avaliação do serviço público... Mas lá fora tá todo mundo de olho em bons projetos. É uma coisa real: com todos os nossos problemas o mercado brasileiro ainda é um dos maiores do mundo. Muita gente que tem um novo produto acaba vindo. Se você olhar, com toda essa confusão o investimento direto nunca baixou de US\$ 60 bilhões. É muito dinheiro. Pra um PIB pouco abaixo dos US\$ 2 trilhões, é bem razoável. Onde o projeto é bem feito, nunca faltou player.

Onde há segurança jurídica.

Exatamente por causa da segurança jurídica.

<https://cultura.estadao.com.br/blogs/direto-da-fonte/pais-precisa-de-competicao-para-avancardiz-economista/>

[Voltar ao Sumário](#)

Veja como atualizar o eSocial com o novo valor do salário mínimo

O salário mínimo sofreu reajuste no último dia 1º de janeiro e passou a valer R\$1.039,00. Com isso, os empregados domésticos que recebem salário mínimo deverão ter seus contratos de trabalho alterados no eSocial para fazer constar o novo valor segundo informações do Portal eSocial. A alteração de salário não é feita automaticamente pelo sistema, devendo ser realizada pelo empregador, antes de encerrar a folha do mês.

O novo valor deverá ser pago até o quinto dia útil de fevereiro de 2020, quando se paga o salário referente ao mês de janeiro. Nenhum empregado doméstico pode receber menos que o salário mínimo determinado pelo governo federal, mas é permitido que os estados determinem valores maiores para o mínimo de cada unidade da federação.

Para os empregados que recebem salário superior ao mínimo, o reajuste deverá seguir o estipulado entre empregador e empregado no contrato de trabalho. Assim, poderá se dar em outra data e com outro percentual.

Nos casos de férias, o empregador deverá primeiramente fazer a alteração salarial e, só então, registrar as férias, para que os novos valores sejam considerados no recibo e na folha de pagamento.

Salário-família

A Emenda Constitucional 103, promulgada em 12 de novembro de 2019, promoveu alteração no valor da cota do salário-família que passou a ser R\$ 46,54 (quarenta e seis reais e cinquenta e quatro centavos) para os trabalhadores que têm renda bruta mensal igual ou inferior a R\$ 1.364,43 (mil, trezentos e sessenta e quatro reais e quarenta e três centavos).

Veja o passo a passo da alteração no eSocial
Selecione Gestão dos Empregados, no menu Trabalhador, do eSocial;
Clique em Nome do Trabalhador

Clique em Dados Contratuais

Clicar em Reajustar Salário

Informe o novo valor do salário mínimo e a data do início da alteração (01/01/2020)

Salve as alterações

<https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,veja-como-atualizar-o-esocial-com-o-novo-valor-do-salario-minimo,70003145787>

[Voltar ao Sumário](#)

'Economia global não deve frear crescimento do PIB brasileiro', diz executivo

Com R\$ 284 bilhões sob gestão, a Santander Asset Management aumentou em 20% a equipe, criando uma área de fundos imobiliários e outra de fundos de infraestrutura, informou o presidente da empresa, Miguel Ferreira, ao Estadão. Essa expansão está baseada em uma expectativa de retomada para a economia em 2020.

O executivo disse que a queda nos juros deverá beneficiar o Produto Interno Bruto (PIB), pois amplia a tomada de crédito para empresas e pessoas físicas. "Pre vemos que o Brasil deverá crescer entre 2% e 2,5% em 2020 e ser um dos poucos lugares com expansão da atividade (em relação a 2019). Não acreditamos que a economia global vai ter algum problema que venha a afetar o País."

Leia, a seguir, os principais trechos da entrevista:

Como foi o ano de 2019 para a Santander Asset? A indústria está em transformação, associada à queda de juros. Esse movimento tem uma série de impactos para a economia e os indivíduos. Ficou mais barato tomar crédito tanto para as empresas quanto para as famílias, o que gera um potencial de crescimento maior do PIB. As empresas passaram a ter um custo de capital menor e deverão voltar a investir. Pre vemos, então, que o Brasil deve crescer entre 2% e 2,5% em 2020 e ser um dos poucos lugares com expansão da atividade no ano que vem. Não acreditamos que a economia global vai ter algum problema grave que venha a afetar o País. Com esse nível de taxa básica de juros, começa a ficar mais barato no Brasil comprar um imóvel do que alugar pela primeira vez na minha geração.

O que isso quer dizer?

Tem uma tese de real estate (mercado imobiliário) relevante para 2020, mais um efeito da Selic baixa. O poupador está carente de retornos que ele buscava em aplicações com

100% do CDI. Em 2019, então, o que vimos foi uma migração gigantesca para produtos com potencialmente maiores retornos, mas também de maior risco.

Na Santander Asset, cerca de R\$ 180 bilhões do total sob gestão estão alocados em fundos de renda fixa. Por que a migração é tão lenta? Não é lenta. A aceleração do crescimento de produtos fora da renda fixa é gigantesca. O número de cotistas em fundos de maior valor agregado (ações e multimercados) cresceu 55% nesse ano. Acho que a migração continua em 2020 muito fortemente, mas ainda levará mais tempo. É uma mudança estrutural sobre como a poupança do brasileiro está organizada nas últimas décadas.

<https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,economia-global-nao-deve-frear-crescimento-do-pib-brasileiro-diz-executivo,70003145216>

[Voltar ao Sumário](#)

O poder de se colocar no lugar do outro e ter empatia

A empatia é um tema que vem sendo recorrente nas minhas reuniões de trabalho, conversas com clientes e interações com alunos. Infelizmente, na maioria das vezes os relatos trazem vivências que demonstram ausência total desse nobre sentimento. O que está havendo na nossa sociedade? Será que se relacionar de forma empática se tornou uma raridade ou um privilégio de poucos?

Estamos falando sobre a capacidade psicológica de sentir o que a outra pessoa sentiria, se estivesse na mesma situação vivenciada por ela. Ao perceber que um colega de trabalho está tenso em função da defesa de um projeto ou de uma apresentação em público, por que não se aproximar para tranquilizá-lo ou ajudá-lo a treinar mais? E que tal apoiar os que estão em busca de uma nova oportunidade profissional?

Com frequência converso com profissionais desempregados, que comentam sobre o afastamento de colegas de trabalho que se distanciaram como se estivessem com uma “doença contagiosa”. O que é isso? Insensibilidade ao ponto de não se colocar no lugar do outro e oferecer uma ajuda de forma genuína? Esse déficit de empatia também pode estar sendo estimulado por uma cultura narcisista, que limita o interesse pelas outras pessoas.

Sabemos que faz parte do papel da liderança tomar decisões impopulares, mas que tal comunicar um processo demissional de forma respeitosa? Soube de profissionais que foram informados sobre o seu desligamento da empresa quando tentavam inserir a senha e o sistema acusava bloqueio. Ao entrarem em contato com a área de TI foi explicado que o acesso não seria possível, em função do seu processo demissional a partir daquela data. Outros, que após vinte e três anos de trabalho na mesma empresa foram escoltados por um segurança, desde o momento de arrumar os seus pertences até a porta de

saída da empresa. Difícil encontrar adjetivos para definir cenas como essas.

Empatia e liderança devem caminhar juntas em todos os momentos na gestão de pessoas, seja em processos admissionais ou demissionais. Não importa a situação. Um líder que não se relaciona com empatia é autocrático, desrespeitoso e não sabe ouvir. Na maioria das vezes gera baixa produtividade e conflitos, além de alta rotatividade na empresa.

Quando saímos do nosso próprio ego e entramos na vida de outros, somos seres maiores. Sem empatia somos bem menores do que podemos ser. Uma liderança empática constrói relacionamentos humanizados, com preocupação, sem paternalismo ou caridade.

Empatia é conexão. É aproximar pelas diferenças, sem causar competição ou inimizade. Não é um exercício fácil, pois exige o desenvolvimento de habilidades complexas. E, acima de tudo é preciso ter interesse genuíno pelas pessoas. Que venha 2020 com mais sensibilidade empática nas relações pessoais e profissionais!

* Ylana Miller é especialista em Recursos Humanos e sócia-diretora da Yluminarh – Desenvolvimento Profissional.
ylana@yluminarh.com.br

<https://economia.estadao.com.br/blogs/radar-do-emprego/o-poder-de-se-colocar-no-lugar-do-outro-e-ter-empatia/>

[Voltar ao Sumário](#)

Desemprego dos pais empurra filhos mais cedo para o mercado de trabalho

Quando a paulistana Beatriz Ferreira, de 18 anos, começou a vender panos de prato em uma esquina da avenida Paulista, na região central de São Paulo, no ano passado, ainda nem tinha saído da escola. Com nove desempregados na família, ela não teve outra alternativa, além de sair para tentar ganhar alguns trocados, enquanto os pais tentam voltar para a formalidade.

“A gente tem de aproveitar até a época do Natal, enquanto as pessoas estão circulando mais pelas lojas, para tentar ganhar um pouco mais. Lá em casa, ninguém trabalha registrado e todos têm de se virar para conseguir sobreviver. É duro, mas é o que a gente tem agora e não adianta ficar reclamando”, contou, em dezembro.

Histórias como a dela são cada vez mais frequentes. A crise tirou empregos dos chefes de domicílio ou fez com que eles tivessem de aceitar novas ocupações que não pagavam o suficiente para sustentar a família, levando os companheiros e filhos a anteciparem a entrada no mercado, muitas vezes pelo caminho da informalidade.

Dados mais recentes da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua, do terceiro trimestre de 2019, apontam que a taxa de participação de dependentes no mercado de trabalho alcançou 60,1% – mais do que no mesmo período de 2018 (58,8%) e bem acima do que havia sido registrado em 2014, antes da recessão, quando os dependentes eram 55,8%.

No terceiro trimestre do ano passado, eram 59,2 milhões de brasileiros que não eram chefes de domicílio e faziam parte da mão de obra disponível – 6 milhões a mais do que cinco anos antes, quando o País não tinha enfrentado a recessão.

Substituição

Os números, compilados para o Estado pela consultoria IDados, também mostram que os

chefes de família ainda são maioria na força de trabalho, mas o desemprego e a dificuldade de recolocação tornaram cada vez mais difícil para eles a conquista do emprego.

No fim de 2012, ano em que a Pnad começou a ser feita, a participação desses chefes de domicílio no mercado de trabalho batia em quase 70%. Sete anos depois, embalada pela recessão, a queda registrada é de quase quatro pontos percentuais.

Para Bruno Ottoni, economista da iDados, esse cenário é ilustrativo da atual situação do mercado de trabalho: a recuperação até ocorreu em 2019, mas foi lenta e puxada por vagas de menor remuneração. “A participação dos mais jovens aumentou quase três pontos percentuais desde a recessão; a de mulheres, quatro pontos percentuais. A família precisou se reorganizar para tentar se manter”, avalia.

“Há um esforço de toda família, e o desemprego de longa duração leva a pessoa a agarrar a primeira oportunidade”, diz Clemente Ganz Lúcio, diretor técnico do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese).

Jovem informal demora a ter carteira assinada
A entrada antecipada e em condições adversas de um jovem no mercado de trabalho, para compensar a perda de renda da família, pode condenar esses trabalhadores a anos de informalidade e baixa remuneração.

Bruno Ottoni lembra que a falta de experiência e a necessidade forçam os dependentes a caírem na informalidade. “Quando se é jovem e é preciso procurar trabalho nessas condições adversas, alguns são obrigados a parar de estudar. Esse trabalhador deixa de acumular capital humano e só consegue vagas de baixa remuneração.”

No trimestre móvel encerrado em novembro, segundo a Pnad Contínua, do IBGE, as ocupações sem carteira lideraram a geração de vagas, e houve recorde de 38,8 milhões de informais.

Sérgio Firpo, do Instituto de Ensino e Pesquisa (Insper), lembra que o trabalhador que começa na informalidade tem mais chances de permanecer sem carteira. “Ele terá menos oportunidades depois, mesmo quando a economia se recuperar.”

<https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,desemprego-dos-pais-empurra-filhos-mais-cedo-para-o-mercado-de-trabalho,70003143726>

[Voltar ao Sumário](#)

Data: 06/01/2020

Veículo: Prefeitura de São Paulo

Réveillon na Paulista 2020 movimentou mais de R\$ 648 milhões na economia da capital

A festa do Réveillon na Paulista 2020 movimentou R\$ 648,72 milhões na economia paulistana. O número é resultado de pesquisa e levantamento realizados pelo Observatório de Turismo e Eventos da cidade, que entrevistou 1.257 pessoas.

De acordo com a Prefeitura de São Paulo, a festa levou à Avenida Paulista cerca de 2 milhões de pessoas (público rotativo). Desse total, 59% (1,1 milhão) eram moradores da própria capital, enquanto 18,9% (377 mil pessoas) eram moradores da região metropolitana de São Paulo (maior parte de Guarulhos). A pesquisa também apurou, por amostragem, que 14,72% (294 mil) do público era de outros Estados do Brasil, enquanto 7,16% (143 mil) vieram de cidades do interior do Estado de São Paulo (destaque para Campinas). Apenas 0,24% (4.773) eram estrangeiros.

A estimativa de movimentação econômica é obtida a partir do gasto médio considerado para cada tipo de turista, levando-se em conta também o tempo de permanência na cidade. Na média geral, os entrevistados deram nota 8,7 para o evento. A nota mediana foi 9 e a moda, ou seja, o número que mais vezes apareceu entre os entrevistados, foi 10. O público satisfeito e muito satisfeito somam 96%.

Perfil de público

Em termos de gênero, o público no Réveillon da Paulista 2020 estava equilibrado, com 50,4% dos entrevistados declarados como homens. Entre os visitantes vindos de outros Estados, a maior parte era de Minas Gerais (2,5%) e do Rio de Janeiro (1,8%). Paraná, com 1,4%, e Bahia, com 1,0%, aparecem na sequência, entre os turistas brasileiros que estiveram na festa da Avenida Paulista.

A extensa pesquisa apurou também os motivos que trouxeram esses turistas para a comemoração do Réveillon em São Paulo e a faixa média de idade desse turista. A maior parte estava entre 18 e 24 anos, com uma fatia de 33,2%. A faixa etária de 30 a 39 anos aparece em seguida, com 21%.

As atrações musicais foram a motivação apontada por 25,8% do público. "Curtir a avenida" (21,9%) e "Assistir à queima de fogos" (16,1%) também se destacam entre as respostas.

Entre as atrações do evento, a mais aguardada era Anavitória (42,4% dos entrevistados), seguida de Lulu Santos (38,9%) e Marcos e Belutti (25,5%).

Em relação aos meios de hospedagem, 25% disse estar hospedado em casas de amigos e parentes e 22,7% em hotéis e flats. A média de pernoites foi de cinco dias.

Outras atividades também preencheram o tempo desses turistas, como compras (27,6%), gastronomia (26,4%) e passeios turísticos (19%).

A maioria dos entrevistados veio à Paulista com a família (32,1%) e com amigos (31,2%), enquanto 13,6% vieram em casal. A grande maioria chegou à Paulista de metrô (64,4%), seguidos de uma parcela de 19,9% que chegou de ônibus e 16,4% de carro.

No grupo de entrevistados, 31,6% estão vindo pela segunda vez ao evento, e 31% vieram pela primeira vez. Os que estão vindo pela terceira vez representam 16%.

VEÍCULOS DIVERSOS

Data: 06/01/2020

Avaliação do evento

Os itens mais bem avaliados foram: "A localização do evento é ótima" (98%), "Cheguei à Avenida Paulista com Facilidade" (97,1%) e "Acredito que a Prefeitura deve continuar investindo no Réveillon de São Paulo mesmo sem patrocínio" (96,7%). A sensação de segurança foi de 77,7%.

<http://www.capital.sp.gov.br/noticia/reveillon-na-paulista-2020-movimenta-mais-de-r-648-milhoes-na-economia-da-capital>

[Voltar ao Sumário](#)

Data: 06/01/2020

Veículo: It Forum 365

5 startups lideradas por mulheres que você precisa conhecer

A presença de mulheres à frente de negócios escaláveis, inovadores e tecnológicos no Brasil ainda enfrenta inúmeros desafios, mas esse número vem crescendo significativamente nos últimos anos. Das 212 startups do ranking 100 Open Startups 2019, 24 possuem algum sócio do sexo feminino. Entre 2015 e 2019, as startups capitaneadas por mulheres atraíram R\$ 17 milhões em investimentos e registraram um faturamento de R\$ 13,4 milhões, ou R\$ 560 mil por startup, em 2018, contra R\$ 180,2 milhões das 188 startups lideradas por homens.

Apesar de diferença de ganhos, para os negócios com lideranças femininas, elas também empregam mais e a expectativa é de um aumento de 101% no faturamento, em 2019. Já as lideranças masculinas prevêem crescer 64%.

Mesmo em um mercado predominantemente masculino, essas cinco empreendedoras têm se destacado no comando de startups que vão das finanças ao agronegócio. Confira:

Conta Black

Primeira Conta Digital criada por negros no Brasil, a fintech fundada por Fernanda Leôncio tem como objetivo promover o acesso a serviços bancários para a população desbancarizada. A Conta Black foca na educação financeira e na proximidade com os clientes.

3, 2, 1 Beauty

Cecília Ribeiro, CEO da 3,2,1 Beauty, criou a startup que oferece serviços de beleza e bem-estar in company, como manicure, massagem e ioga, em grandes escritórios, com agendamento e pagamento pela internet, como o objetivo de melhorar a qualidade de vida e otimizar o tempo dos funcionários.

Contentools

Emília Chagas é a fundadora da plataforma de gestão de conteúdo utilizada por mais de 1.200 das melhores equipes de marketing do mundo. A executiva é referência quando o assunto é marketing digital no Brasil.

Agrosmart

Criada por Mariana Vasconcelos, a Agrosmart conecta os agricultores às suas plantações, tornando as atividades de campo mais inteligentes. Premiada, a startup atua no monitoramento de plantações, fornecendo informações em tempo real aos agricultores, de forma a ajudar na tomada de decisão para garantir o melhor proveito de cada safra.

Nubank

A startup do momento não poderia ficar de fora. O Nubank é a única empresa entre os nove unicórnios brasileiros, liderada por uma mulher: Cristina Oliveira é a fundadora da fintech avaliada em mais de um bilhão de dólares.

<https://www.itforum365.com.br/5-startups-lideradas-por-mulheres-que-voce-precisa-conhecer/>

[Voltar ao Sumário](#)

VEÍCULOS DIVERSOS

Data: 06/01/2020

Veículo: Instituto Millenium

Veja as 10 startups brasileiras que marcaram 2019

Diversas startups brasileiras marcaram o ano de 2019, que promete ser o mais relevante para o país em reconhecimento de negócios escaláveis, inovadores e tecnológicos.

Essa valorização veio em forma de recursos, com a criação de novos unicórnios (startups avaliadas em US\$ 1 bilhão ou mais). Mas também apareceu com aquisições de outras startups, projetos ambiciosos de expansão ou modelos de negócio inovadores.

As indicações das startups foram dadas para Pequenas Empresas & Grandes Negócios por Alan Leite, CEO da aceleradora Startup Farm; André Barrence, diretor do Google for Startups no Brasil; Daniel Chalfon, sócio da Astella Investimentos; e Pedro Waengertner, cofundador da aceleradora ACE.

Saiba quais foram as 10 startups que marcaram 2019:

Última notícia: Empresariado pretende ampliar investimentos no Brasil em 2020

B2Mamy

A B2Mamy é uma aceleradora que tem como principal objetivo ajudar negócios de mães empreendedoras a crescer. A fundadora Dani Junco afirmou anteriormente que o projeto iniciado em 2016 já movimentou cerca de R\$ 2 milhões e acelerou 100 empresas.

Além de uma missão relevante, a B2Mamy se destacou neste ano por seu plano de expansão. "O negócio ganhou tração neste ano e está focado em abrir mais pontos pelo país", analisa Barrence, do Google for Startups.

Gympass

O empreendimento de academias como um benefício corporativo Gympass tornou-se um unicórnio em junho deste ano, após um investimento de US\$ 300 milhões, liderado pelo conglomerado japonês de telecomunicações SoftBank.

Além de seu status de unicórnio, o Gympass está na lista por ter inspirado outras startups a atuarem no modelo de negócios corporativo,

defendendo a retenção de talentos pelo bem-estar. Exemplos são as startups Vittude e Zenklub, de saúde mental para funcionários.

"Outro ponto digno de nota é a expansão internacional do Gympass. Pode inspirar outras startups a aproveitarem o mercado de outros países", afirma Barrence.

Loggi

A Loggi nasceu em 2013, com a missão de "reinventar a forma de fazer entregas no Brasil". O negócio tem uma plataforma que conecta entregadores às demandas do setor de comércio eletrônico, backoffice e alimentação. A startup de logística tem 40 mil entregadores em caminhões, motos e vans que realizam 100 mil entregas diárias.

Neste ano, a Loggi alcançou uma avaliação de mercado acima de um bilhão de dólares e tornou-se um unicórnio. Também ficou em sexto lugar na lista LinkedIn Top Startups 2019, que elenca jovens empresas onde os brasileiros querem trabalhar. Segundo Barrence, outro fator além do status que inclui a Loggi nesta lista são as "contratações de profissionais experientes no mercado."

Neon

Fundada em 2016, a Neon é a fintech mais nova a aparecer no ranking Super Fintechs, da plataforma de inovação Distrito. Também ficou em quarto lugar no LinkedIn Top Startups 2019.

A startup de pagamentos se destacou neste ano ao anunciar um aporte de R\$ 400 milhões. O investimento de série B foi realizado pelo Banco Votorantim e pelo fundo General Atlantic. Ao todo, o empreendimento captou R\$ 472 milhões de reais em investimentos.

A Neon tinha 200 funcionários no início deste ano, número que está em 600 atualmente. Entre pessoas físicas e jurídicas, a fintech tem 1,6 milhão de clientes ativos e 3,3 milhões de contas abertas.

Nubank

O Nubank se tornou um unicórnio, ou startup avaliada em mais de um bilhão de dólares, em março do ano passado. A fintech acumula 15 milhões de clientes em seus serviços de conta digital e cartão de crédito.

Neste ano, um novo feito colocou o Nubank nesta lista: um investimento de US\$ 400 milhões

VEÍCULOS DIVERSOS

Data: 06/01/2020

transformou a startup em um decacórnio (avaliação de mercado igual ou superior a US\$ 10 bilhões). A fintech lidera a lista LinkedIn Top Startups 2019.

Pipefy

A plataforma de gerenciamento de processos Pipefy, criada em 2015, está presente em mais de 150 países e tem crescido 300% anualmente – ou seja, quadruplica de tamanho a cada doze meses.

“A Pipefy viu uma oportunidade global e construiu uma plataforma que qualquer gestor pode usar. O Alessio [Alionço, fundador] teve essa visão logo cedo, o que foi fundamental para o crescimento do negócio”, diz Barrence.

A Pipefy já atende 20 mil clientes, como o banco Santander e a fabricante de automóveis Volvo, em mais de 150 países. Tem 200 funcionários espalhados pelos escritórios de São Francisco (Califórnia, Estados Unidos), Austin (Texas, Estados Unidos) e Curitiba (Paraná).

Quinto Andar

A startup QuintoAndar foi criada em 2013, com a proposta de simplificar o processo de locação residencial. Em setembro deste ano, a empresa também se tornou um unicórnio brasileiro após levantar US\$ 250 milhões em uma rodada liderada pelo SoftBank. Antes, já havia captado R\$ 320 milhões em três rodadas.

“A startup está trabalhando para simplificar um processo doloroso para o consumidor final, e colhendo os resultados dessa estratégia”, diz Waengertner, da ACE. O Quinto Andar ficou em quinto lugar no LinkedIn Top Startups 2019.

Resultados Digitais

A startup de marketing digital Resultados Digitais, de Florianópolis (Santa Catarina), subiu a barra para os empreendimentos de software como um serviço (na sigla original, SaaS) ao captar uma rodada de R\$ 200 milhões.

“Olhando para os retornos de startups de software como um serviço lá fora, como o desempenho da Zoom na bolsa de valores americana, uma startup brasileira do ramo crescer desse jeito é muito importante. A Resultados Digitais se tornou um expoente nacional do SaaS”, diz Chalfon, da Astella.

Rock Content

A Rock Content, startup de marketing de conteúdo sediada em Belo Horizonte (Minas Gerais), já tem cerca de 1,5 mil clientes em países como Argentina, Colômbia, México, Paraguai e Portugal.

A startup destacou-se neste ano por conta de suas aquisições, afirma Waengertner. A Rock Content comprou a também mineira iClips e a americana ScribbleLive neste ano. Em longo prazo, a Rock Content ambiciona realizar uma oferta pública inicial de ações na bolsa de valores – movimento conhecido pela sigla americana IPO.

Sallve

A marca de cosméticos Sallve surgiu em fevereiro deste ano, com nomes como o empreendedor Daniel Wjuniski, a especialista em marketing de crescimento Marcia Netto, a desenvolvedora de cosméticos Juliana Shor e a influenciadora de beleza Julia Petit.

Para Chalfon, da Astella, um dos trunfos da marca é seguir o modelo de marcas nativas digitais e verticais, com produção própria e vendas direto ao consumidor, pela internet. No Brasil, o modelo é praticado também pela varejista Amaro. “Depois que a marca foi lançada, vimos mais marcas surgirem com esse mesmo modelo. O formato ainda é tímido no Brasil, mesmo que tenha sido popular há anos nos Estados Unidos”, diz o investidor.

<https://www.institutomillennium.org.br/blog/veja-as-10-startups-brasileiras-que-marcaram-2019/>

[Voltar ao Sumário](#)

VEÍCULOS DIVERSOS

Data: 06/01/2020

MEI tem programa de empréstimo de até 20 mil reais sem cobrança de juros

O Sebrae oferece uma modalidade de crédito que pode ser bastante benéfica para Microempreendedores Individuais. Intitulado 'Programa Juro Zero', a ação é feita em parceria entre o Sebrae ,atualmente, oferece o programa apenas para o estado de São Paulo.

O objetivo do programa é a concessão de financiamentos com juros zero para o MEI, a fim de alavancar o investimento produtivo. Essa modalidade de crédito é exclusiva do Microempreendedor Individual com faturamento anual de até R\$ 81 mil.

O Programa Juro Zero independe do prazo de formalização do MEI. Para se candidatar, o empresário não deve possuir restrições cadastrais.

O que pode ser financiado

O Sebrae estipula que o valor do empréstimo deve servir para a aquisição de produtos e serviços pretendidos para o exercício das atividades do MEI, tais como:

Máquinas;
Acessório para veículos;
Veículos utilitários;
Motocicletas e ciclomotores;
Ferramentas para trabalho;
Capital de giro.

Para financiamento e planejamento das finanças, é elaborado um plano de negócios com auxílio da equipe do Sebrae.

Como solicitar

Os valores variam entre o mínimo de R\$ 1 mil e o máximo de R\$ 20 mil. O prazo pode ser parcelado até 36 vezes. A carência é de até seis meses para iniciar o pagamento.

Documentos

Para se candidatar é necessário levar cópias simples do CNPJ, certificado da condição de MEI

e última declaração anual (DANS SIMEI), se houver.

Além disso, o titular deve levar as cópias autenticadas do RG, CPF e comprovante de endereço.

<https://www.jornalcontabil.com.br/mei-tem-programa-de-emprestimo-de-ate-20-mil-reais-sem-cobranca-de-juros/>

[Voltar ao Sumário](#)